

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE HISTÓRIA

GUILHERME IVO DALLASTRA

ALÉM DO “BEIJO *GAY*”:
REPRESENTAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NAS TELENOVELAS DO HORÁRIO
NOBRE DA REDE GLOBO, DA REDEMOCRATIZAÇÃO ATÉ O COVID-19

CHAPECÓ

2022

GUILHERME IVO DALLASTRA

**ALÉM DO “BEIJO GAY”:
REPRESENTAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NAS TELENOVELAS DO HORÁRIO
NOBRE DA REDE GLOBO, DA REDEMOCRATIZAÇÃO ATÉ O COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de História da Universidade Federal
da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para
obtenção de grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Luiz Miranda

CHAPECÓ

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Dallastra, Guilherme Ivo
Além do ?beijo gay?: Representação da
homossexualidade nas telenovelas do horário nobre da
Rede Globo, da redemocratização até o covid-19. /
Guilherme Ivo Dallastra. -- 2022.
64 f.

Orientador: Doutor Antonio Luiz Miranda

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2022.

1. Homossexualidade. 2. História da TV. 3. Rede
Globo. I. Miranda, Antonio Luiz, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

GUILHERME IVO DALLASTRA

**ALÉM DO “BEIJO GAY”:
REPRESENTAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NAS TELENVELAS DO HORÁRIO
NOBRE DA REDE GLOBO DA REDEMOCRATIZAÇÃO À COVID-19**

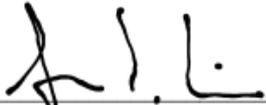
Trabalho de conclusão de curso apresentada à
Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS como
requisito para obtenção do grau de Licenciado em
História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 30/08/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Antônio Luiz Miranda - UFFS



Prof.ª Dr.ª Jaisson Teixeira Lino - UFFS



Prof. Dr.ª Bruno Antonio Picoli

Dedico este trabalho a todos que denunciaram e
não foram ouvidos.

AGRADECIMENTOS

Não poderia começar de outra maneira se não agradecendo à doutoranda Janete Palu, meu referencial enquanto profissional e historiadora. Professora a qual me lembro de esperar a semana toda para ter aula e que me apresentou ao meu amor pela história. Antes de qualquer coisa lhe agradeço por me ensinar a ser alguém melhor e entender que é na educação que reside a mudança que sonho ajudar a construir neste país.

A minha mãe Rosane, sangue do meu sangue, carne da minha carne, meu porto seguro, bem como minha irmã Ana Rita, minha guerreira *Anita*, minha santa *Rita*, minhas companheiras e confidentes da vida toda. A meu pai Paulo, o Homem cujo referencial formou meu caráter. Obrigado por estarem sempre ao meu lado, tanto nos momentos felizes quanto em todas as tristezas que dividimos nessa vida, sem vocês, eu não seria nada.

A todos que ficaram ao meu lado durante as incertezas e instabilidades desse período turbulento, tanto mental quanto fisicamente: Júlia Letícia Alberton Mezzomo, minha irmã de outra mãe que tanto me ajudou nesse processo. À minha colega de formação pessoal e acadêmica que está ao meu lado desde que eu me *entendo por gente* Paula Marisa Simon (uma das minhas musas, aquela que eu *quero ser quando crescer*), tal como as minhas Gabrielas: A Zilio, de quem sou fã e tenho o prazer de ter em minha vida desde sempre e sei que para sempre, bem como a Lessa, meu *Mozão*, aquela amizade cujo tempo e distância não abalam. Minhas meninas, com quem ri desde sempre e cujas lágrimas secamos uns dos outros. Eu amo vocês, agradeço por seguirem me amando nos períodos em que eu sei que foi difícil.

A todos os *nãos* e frustrações, pois foram estes de suma importância enquanto força motriz.

A Madonna, pois, além de sempre saber o que dizer em todos os momentos da minha vida com suas poesias em forma de canções, foi ao lado dela, em cima de um palco que, pela primeira vez na vida, ainda criança, eu vi vários homossexuais dançando ao lado do maior ícone feminino da cultura pop mundial e, além de me sentir representado, eu soube que não era errado ser quem eu sou e que não precisaria, nem deveria, me esconder.

Ser corajosa não quer dizer não ter medo, só significa fazer as coisas que dão medo mesmo assim. [...] exija coisas diferentes daqueles que criam narrativas prejudiciais. E se essas pessoas não mudarem, recuse-se a aceitar o que elas estão oferecendo. Afaste-se do sistema onde você veja injustiça acontecendo. É mais importante do que nunca que cresçamos depressa. Nossa vida está em jogo, nossa mente está em jogo. Veja como temos sido tratadas e nos defenda. Não colabore com a degradação que sempre nos impõem. (McGOWAN, 2018, pg. 269)

RESUMO

A seguinte pesquisa lista e analisa as características, comuns e divergentes, acerca da representação da homossexualidade nas telenovelas do horário nobre da Rede Globo de televisão, em específico a faixa das 20h/21h, do período de 1985 a 2020, por ser essa a mais expressiva (e consumida) forma de produção audiovisual no Brasil, a fim de analisar a sua contribuição quanto a formação do imaginário coletivo nacional sobre o tema.

Palavras-chave: Homossexualidade; Telenovelas; Rede Globo; História do audiovisual;

ABSTRACT

The following research lists and analyzes the common and divergent characteristics of the representation of homosexuality in the prime-time soap operas of Rede Globo television, specifically the 20h/21h range, from 1985 to 2020, as this is the most expressive (and consumed) form of audiovisual production in Brazil, in order to analyze its contribution to the formation of the national collective imagination on the subject.

Keywords: Homosexuality; soap operas; Rede Globo; Audiovisual history;

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	SOCIEDADE ÀS 21H: RETRATOS DO COTIDIANO NO HORÁRIO NOBRE DA GLOBO.....	20
2.1	REPRESENTAÇÕES DA HOMOSSEXUALIDADE NO HORÁRIO NOBRE DA GLOBO DE 1988 À 1999: DA LUTA POR DIREITOS CIVIS À “EXPLOSÃO DO SHOPPING”	24
2.2	REPRESENTAÇÕES DA HOMOSSEXUALIDADE NO HORÁRIO NOBRE DA GLOBO DE 2000 À 2009: CHEGOU A HORA DO BEIJO <i>GAY</i> ?.....	34
2.3	REPRESENTAÇÕES DA HOMOSSEXUALIDADE NO HORÁRIO NOBRE DA GLOBO DE 2010 À 2019: O BEIJO, O AFETO E O RETROCESSO NO HORÁRIO NOBRE.....	41
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
	REFERÊNCIAS.....	62

1. Introdução.

Partamos de uma definição no imaginário coletivo: homossexual é a pessoa que sente atração e/ou desejo sexual por pessoas do mesmo sexo.

Hoje temos uma compreensão muito mais ampla a respeito de sexualidade e identidade de gênero, e é natural que saibamos que a homossexualidade não pode ser explicada apenas em termos biológicos, em especial ao que se refere a genitálias, pois “Ninguém hoje em dia acredita que as diferenças de comportamento entre os dois sexos possam ser aplicadas apenas em termos de diferenças biológicas, pois reconhece-se que os papéis sexuais são forjados socialmente” (FRY, MACRAE, 1983).

É natural que conforme as sociedades caminham os conceitos produzidos por elas mudem. A sexualidade, conforme nos elucida Foucault ao longo de sua obra, é uma construção social para fins de poder e que com o passar dos anos foi ganhando conceitos diferentes, por exemplo, embora na Grécia Antiga não fosse um “pecado” como seria para os cristãos anos depois, ainda assim era controlado.

Ainda apegado aos conceitos de Foucault, acho interessante analisarmos que a sexualidade é um dispositivo criado para que se governe corpos e esta prática já era encontrada desde o século XVI, e, como toda criação, há padrões. Essa criação está ligada intrinsecamente ao surgimento da burguesia e fica mais forte, em especial, após o século XVIII.

Outro conceito que podemos nos apropriar é o de discurso. Para Foucault, discurso não é a representação do que pensamos, mas sim o que dá sentido às coisas, o que cria as coisas, o que faz com que essas coisas sejam colocadas na sociedade e agora sejam significados nesta, logo, quando pensamos em homossexualidade, não estamos lidando com o sexo (verbo) em si, mas sim com o discurso criado que o legitima: o homossexual, o homem cujo ato sexual se dá com outro homem e heterossexual, o homem cujo ato sexual se dá com uma mulher. Temos esses conceitos sendo criados na sociedade para fim de “catalogação” com intuito de separação e controle destes corpos.

Há uma distinção interessante que podemos fazer aqui para fins de compreensão do tema: o poder, tal como visto pelos marxistas, emana da burguesia que constitui um Estado burguês do qual detém o poder e estes (a burguesia, através do Estado) exploram os oprimidos, os trabalhadores, pois tenhamos em mente que quando falamos de poder em Foucault estamos falando sobre relações de poder.

Explico: poder está espalhado em todos os lugares e todos estabelecemos relações de poder, individuais e coletivas. Como essas relações se dão em todos os lugares é importante que saibamos que nem sempre o poder se dá na forma de repressão, mas também como agente de formação e de criação, cabendo ao Estado o poder de gerir uma sociedade, criando dentro desta os conceitos.

Esse poder cria conceitos de feminilidade e masculinidade, por exemplo, em políticas de saúde pública feminina e masculina nos postos de saúde dos municípios, bem como campanhas de conscientização sobre o sexo seguro no carnaval que existiam há anos no Brasil.

Conceitos que fomentam, cientificamente, o discurso do que é “certo”, do que é “normal” conforme as demandas da sociedade. É vital que saibamos que as rupturas e continuidades das nossas sociedades modernas estão intimamente ligado ao desenvolvimento do capitalismo, bem como, da burguesia, logo o capitalismo está intimamente ligado à questão da governamentalidade e docilização dos corpos.

Ao longo de sua pesquisa, Foucault nos mostra como a sexualidade, depois de imposta como dispositivo social, não é reprimida, mas sim estimulada dentro de regras, regras estas que foram criadas pelas estruturas de poder. Tomemos novamente o caso da Grécia Antiga.

É pertencente ao imaginário coletivo de que à época o sexo entre dois homens ou entre duas mulheres não era reprimido, porém devemos ter em mente que deste período até o advento do cristianismo não houve um processo de ruptura, e sim de alteração, veja, o sexo não era desencorajado, porém havia a discussão de que ele deveria ser regrado, ao ponto que nas sociedades cristãs alteram-se as regras e agora o sexo passa a ser encorajado apenas para fins de reprodução ao ponto que o prazer passa a ser demonizado.

A sexualidade passa a ser uma das inúmeras relações de poder às quais estamos vinculados em nossa sociedade, o poder está em todo lugar, logo, é essencial que entendamos que a sexualidade é uma forma de conceber e controlar nossos corpos, sejam os corpos individuais ou sejam os corpos coletivos.

Conceitos, mutáveis que são, se moldam conforme as demandas do poder alteram com o passar do tempo. Embora no caso do Brasil, hoje vivamos no país que mais mata pessoas não heterossexuais no mundo conforme nos apontam os relatórios de instituições como a Organização das Nações Unidas – ONU, a homossexualidade em si nunca foi criminalizada perante código penal.

Ao longo dos anos, conforme as pesquisas na área das ciências sexuais avançam, isso influencia a formação dos novos conceitos que seguem se moldando. Aquele que antes era visto com o que praticava atos sodomitas agora é entendido como o homossexual, o que sente atração pelo indivíduo do mesmo gênero, para que assim possa apontá-lo como o errado, o desviado da conduta correta, pois não trata-se de reprimir o errado, mas sim de incentivar a “boa conduta”, e quando esta não é atingida é quando se aplica a repressão.

A posição social do homossexual foi sendo aproximada cada vez mais dos traços de feminilidade, em especial dos que são classificados com os passivos da relação, o homossexual “inferior” socialmente, o que está abaixo, pois sendo o que recebe o falo, é o que mais se aproxima da mulher, do feminino (FRY, MACRAE. 1983). Obviamente, trata-se de um quadro geral e amplo, mas que cada cultura forja seus conceitos conforme suas demandas.

Há países onde ainda hoje a homossexualidade é crime e em alguns casos pode gerar sentenças de morte, como no caso da Nigéria, do Irã e do Iraque, para citar alguns, todavia no Brasil, como já mencionado, nunca foi crime. Segundo o livro “O que é homossexualidade” de Peter Fry e Edward MacRae, no Brasil, a partir do século XIX, a medicina toma para si a questão da homossexualidade como um campo pertencente a área da saúde sexual.

Mas como é que os médicos do século XIX caracterizavam os homossexuais? Para Kafft-Ebing, o homossexualismo era ou uma patologia congênita ou uma mera perversão quando praticada por pessoas não ranistas. Este médico austríaco, que foi um dos pioneiros do estudo da homossexualidade e que influenciou a medicina definitivamente, coletou milhares de “confissões” dos seus pacientes e as publicou no seu livro *Psicopatía Sexualis*. Chegou à conclusão de que as uranistas sofrem de uma mancha psicótica, que mostra sinais de degenerescência anatômicos, que sofrem de histeria, neurastenia e epilepsia. Acrescenta ainda que “na maioria dos casos, anomalias psíquicas (disposição brilhante para a arte, especialmente música, poesia, etc., ao lado de poderes intelectuais maléficos ou excentricidade original) são presentes e podem se estender a condições salientes de degeneração mental (imbecilidade, loucura moral). (FRY, MACRAE, 1983, p. 64)

O que era visto pela igreja como pecado agora passa a ser visto como uma doença, uma perversão sexual, então é de se imaginar que esses conceitos passam a ser formados por outros aparatos do Estado, que não a lei em si, pois essa não persegue e é neste ponto que se atrela a imagem do homossexual ao que é errado para assim poder segregar.

Nota-se como historicamente foi construída uma narrativa de que o “passivo” da relação seria o doente que não tem culpa por suas perversões ao ponto que o “ativo” seria o pervertido pelo prazer da perversão em si, todavia, no Brasil, no mesmo século XIX predominava uma corrente fortemente expressada nas pesquisas de Leônidas Ribeiro de que as causas do *homossexualismo*¹ seria sociais e biológicas e não apenas biológicas. Ele

1 O sufixo “ismo” indica doença, em decorrência disso o termo “homossexualismo” deve ser substituído pelo termo homossexualidade.

estabelecia ligações diretas entre questões de ordem mental, com parafilias e perversões, com a homossexualidade, citando como exemplo o caso de Febrônio Índio do Brasil².

À saúde vai ficando relegada a tarefa de controle dos corpos homossexuais e a solução passa a ser a do encarceramento manicomial, bem como com relações de saberes em terapias de conversão sexual por exemplo, onde os pacientes eram usados como cobaias em experimentações que criassem reações programadas como por exemplo, provocar a excitação sexual em uma pessoa com material pornográfico homossexual e logo em seguida expor este a uma situação que provoque desconforto buscando assim que o paciente desenvolvesse um reflexo de rejeição para a excitação com pornografia *gay*, dentre inúmeros outros métodos, recorrendo até ao uso de eletrochoque.

Aqui podemos notar outro ponto que nos será caro nesta pesquisa. Os psiquiatras viam na “doença da homossexualidade” traços que seriam comuns aos “doentes” bem como aptidão às artes, bem como terem tendências a serem mais felizes e expansivos, um esteriótipo ainda muito presente.

Após os movimentos hippies e todas as agitações sociais que corriam pelo mundo nos anos 1960/1970, os homossexuais já se entendiam como uma classe social e por tanto começam a se organizar. As vitórias dessas organizações podem ser vistas quando, por exemplo, em 1973 a homossexualidade é retirada da classificação de doenças mentais da Associação Americana de Psiquiatria, todavia, começa uma nova discussão: Agora que se sabe que os homossexuais não são doentes, eles são o que? Surge aí o conceito de homossexual sadio onde a medicina se debruça sobre as questões de que não há anormalidade na diversidade sexualidade, mas padrões diferentes.

Foi nesta época que aconteceu a rebelião de Stonewall, um motim que ocorreu durante todo um final de semana e que daria origem ao Dia do Orgulho Gay reconhecido e utilizado por muitas organizações de luta pelos direitos LGBTQUIAP+ em muitos países.

O que parece ter marcado o nascimento desse grupo foi a “Rebelião de Stonewall”, que é para o movimento homossexual algo parecido com a tomada da Bastilha para a Revolução Francesa. Na noite de 28 de junho de 1969, uma sexta-feira, alegando o descumprimento das leis sobre a venda de bebidas alcoólicas, a polícia tentou interditar um bar chamado “Stonewall Inn”, localizado em Christopher Street, a rua mais movimentada da área conhecida como o “gueto” homossexual de Nova York. (FRY, MACRAE, 1983. p. 96).

2 Febrônio Índio do Brasil (1895 – 1984) foi um assassino em série brasileiro que tinha como um dos mecanismos de seu *modus operandi* o uso de violência e sadismo, tanto física quanto sexual em suas vítimas. A justiça o entendeu como incapaz mentalmente de responder por seus atos. Absolvido por seus crimes, o tribunal o considerou incapaz de viver em sociedade e, em função de ser o primeiro veredito neste sentido, foi criado o primeiro manicômio judiciário do Rio de Janeiro para encarcerá-lo. Deu entrada no Manicômio Judiciário, procedente da Casa de Detenção, no dia 06 de junho de 1929 e ficaria até 1984, quando morre aos 89 anos. (CASOY, 2017).

O que se seguiu foi um confronto que durou 72h com barricadas e desobediência civil daqueles que não eram reconhecidos pelo Estado.

Nesta época o entretenimento para os homossexuais não era abertamente direcionado a eles, o próprio Stonewall embora um bar frequentado por muitos homossexuais não era um *bar gay*, porém depois da rebelião começa a se entender que há uma demanda de entretenimento e lazer para esse público e é possível vermos nas décadas seguintes surgir o ramo do entretenimento *gay*, como os bares, as boates, as saunas e os filmes pornográficos.

Os homossexuais agora são reconhecidos como parte componente da sociedade, sociedade essa que está cada vez mais sendo entendida como uma sociedade de consumo, onde tudo é mercado, surge a necessidade de representar a homossexualidade na cultura, ou melhor, no mercado cultural.

Desde a época do teatro trágico grego podemos encontrar, ainda que não chamados pelo termo, personagens homossexuais bem como desde os primórdios do cinema. Estes dois, bem como a literatura, em suas origens, atingiam um público muito restrito, seja pelo valor do ingresso (quando o cinema se torna comercial), seja pelas massas iletradas que não tinham acesso ou tempo para leitura, por exemplo.

Conforme o capitalismo avança e se consolida pelo mundo, na cultura também se cria um mercado, busca-se assim criar culturas de massas, culturas que sejam acessíveis aos diversos públicos, do mais rico ao mais pobre e uma forma de consumo de cultura que, em especial no Brasil das décadas de 1980 e 1990, se consolidou e viveu seu auge, esta foi a televisão. Dentro da TV, dois dos produtos que podemos destacar são o telejornal e a telenovela. É neste segundo grupo que vamos nos ater nesta pesquisa.

Embora ainda hoje gere grande comoção e reação por parte das parcelas conservadoras da sociedade, a representação da homossexualidade na mídia brasileira não é recente. Podemos citar, dentre os mais expressivos casos, o do livro *Capitães de Areia* do gênio da nossa literatura Jorge Amado, onde é sabido que os personagens da trupe de *moleques* liderados por Pedro Bala praticam atos sexuais homossexuais entre si até que são advertidos pelo padre que tais condutas são pecaminosas e Pedro responde expulsando os que assumiam posição sexual passiva do bando ou nas telas do programa do Chacrinha que colocava no palco figuras que transcendiam questões de gênero, bem como as *Transformistas* ou a jurada fixa do programa Elke Maravilha.

Na década de 1960 o Brasil via-se diante de uma crescente onda conservadora que vinha desde o infame atentado da rua Toneleiros que desembocaria no golpe civil-militar de

64, entretanto, as questões sociais não eram silenciadas pelo período, embora houvesse mecanismos nesse sentido (como a censura instaurada pela polícia política de Vargas, por exemplo).

Ainda hoje, algumas gerações têm a “novela das 8” como uma instituição nacional, porém há de se notar que nem sempre foi assim. Antes do advento da teledramaturgia tal como conhecemos, haviam os teleteatros que eram teatros gravados em estúdio ao vivo e transmitido pela televisão, é deste período que data o mais antigo “beijo *gay*” da nossa televisão.

Exibido em 1963, o primeiro “beijo *gay* das novelas” ocorreu no teleteatro “A Calúnia”, onde duas mulheres *cis*³ tocam os lábios uma na outra de forma sutil (CASALETTI, 2011). O único registro que há hoje desse momento é uma fotografia, os rolos se perderam nos arquivos da emissora, a extinta Rede Tupi que era propriedade do *Cidadão Kane* brasileiro, o controverso magnata das comunicações Assis Chateaubriand.

Conforme a linha do tempo que podemos construir com base no documentário “Orgulho Além da Tela” produzido pela própria Rede Globo, com direção de Antonia Prado, Rafael Dragaud e Rodrigo Rocha e que está disponível no *streaming* globoplay, que lista ao longo dos anos os personagens homossexuais de suas novelas, podemos notar pontos em comum entre a maioria dos personagens em questão, sejam eles constantes, sejam eles que aparecem de forma mais espaçada entre as obras.

De 1970, já na ditadura militar, vem o registro do primeiro personagem homem *cis* lido como homossexual, não porque sua sexualidade fosse uma tema refletido na novela mas sim pelos trejeitos adotados à época, pois este era o recurso utilizado pelas narrativas para indicar a homossexualidade do personagem, usando dos padrões impostos pela sociedade.

Partamos do princípio. O personagem em questão, Rodolfo Augusto da novela “Assim na Terra Como no Céu”, interpretado por Ary Fontoura, que era um costureiro que dedicava seus dias aos desfiles de carnaval da prefeitura de sua cidade. Não era propriamente uma representação de homossexualidade, era um personagem que “apenas existia” na trama, tão pequeno era seu impacto na história.

Tomemos por exemplo o perfil do personagem no site “Memória Globo”. O site em questão é um memorial online da Rede Globo acerca de toda a sua produção, um “museu virtual” de sua história que pode ser acessado de forma gratuita e nele o perfil do personagem Rodolfo se resume a uma linha: “Costureiro, amigo de Danuza (Heloísa Helena), vivia em

3 Termo empregado a pessoas que se enquadram nos padrões sexuais que lhes foram designados ao nascer, por exemplo o indivíduo que se entende enquanto homem e nasceu com o sistema reprodutor masculino.

função dos desfiles de carnaval do Teatro Municipal”. Era o que hoje comumente, em especial em redes sociais, chamamos de “discreto e fora do meio”: o homossexual cuja sexualidade, além de não expressada livremente, é reprimida e/ou não comentada.

Passando pelo período da ditadura temos a censura assombrando o país e o termo “*gay*” era proibido, conforme o arbítrio imposto pela censura do período. Embora a censura fosse uma realidade, há de se notar que ainda assim conseguiram passar personagens pelo crivo dos censores, tais como Inácio da novela “Brilhante”, de 1981.

Inácio, interpretado por Dennis Carvalho foi um caso muito interessante inclusive, pois o personagem era filho da personagem interpretada por Fernanda Montenegro que já era um grande nome na época. Conforme conta Fernanda ao documentário “Orgulho Além da Tela”, com muita insistência ela conseguiu passar uma fala pontual em que se abordasse os “problemas sexuais” do personagem, informação corroborada pela própria emissora no site Memória Globo:

CENSURA

Brilhante teve problemas com a Censura. Gilberto Braga conta que não foi autorizado o uso da palavra “homossexual” nos diálogos da novela. Segundo ele, isso dificultava muito o desenvolvimento da trama, porque um dos eixos centrais envolvia o personagem Inácio, um homossexual. Certa vez, Fernanda Montenegro queria que Gilberto autorizasse o emprego da palavra, mas ele sabia que a Censura iria cortar a cena. No entanto, a pressão de Fernanda Montenegro funcionou. Vera Fischer, que interpretava Luiza, num diálogo com Chica Newman, mencionou “os problemas sexuais de seu filho”, e a frase não foi censurada.

Depois dessa obra, a homossexualidade fora deixada de lado por um certo tempo e voltaria a aparecer no horário nobre apenas após a redemocratização.

Com o fim do regime militar em 1985, a censura ainda é vigente no país e só cairia em 1988 com a nova constituição, ou seja, ainda após o regime de exceção promovido pelos militares, durante o governo Sarney (que, embora civil, havia sido alinhado ao regime totalitário em algum momento) havia ainda, nos moldes da lei, a prerrogativa caso a censura quisesse ser aplicada.

Podemos considerar esse período comentado como a arqueologia da pesquisa a qual esse trabalho se propõem. Vemos que, desde que a teledramaturgia existe, temos personagens não heterossexuais nas obras, pois estes, embora muitas pessoas ainda nos dias de hoje tentem invisibilizar a existência, a homossexualidade é um fato social.

É um fato que podemos notar na vida cotidiana presente um narrativa presente até hoje, em especial em um país com um governo abertamente homofóbico como o que vivemos atualmente que é validado pelo voto de uma maioria (eleitoral): Ao homossexual é permitida a existência, desde que seja em silêncio.

Suas pautas devem ficar nas sombras para não “incomodar” ou não “chocar” os que assistem a obra, ainda mais se levarmos em consideração que o público das telenovelas em questão é a dita “família brasileira”, uma representação ficcional do que seria a família ideal: pai, mãe, filhos, todos cristãos e brancos.

Na década de 1970, a televisão começa a se popularizar pelo país e títulos de “novelas das 8” passam a fazer parte da cultura popular do Brasil. O que popularmente chamamos de “novela das 8” são as produções que, embora não sejam mais exibidas no horário em questão, constituem o horário nobre da Rede Globo, a maior historicamente em números de audiência, e por consequência os horários mais caros da grade de programação, em nosso país, que vai da faixa das 18h à meia-noite, com ênfase atualmente no horário das 21h, faixa na qual vai ar a novela que sempre tem o maior investimento monetário da emissora, e o motivo do “nobre” no título nos é explicado por Manoel Carlos, autor de longa data de títulos deste horário:

Alguns anos atrás, considerava-se nobre na televisão o horário que começava às 19 e se estendia até as 22 horas. Hoje, todos sabem, esse tempo é medido das 18 horas à meia-noite. É quando o espaço comercial é mais caro e, conseqüentemente, os programas considerados mais importantes são apresentados. É também onde se encontra o nicho que abriga a teledramaturgia, principalmente as novelas e, no caso da TV Globo, o Jornal Nacional. A classificação é absolutamente comercial [...]. (CARLOS, 2012).

Títulos como “Selva de Pedra”, por exemplo, detêm a marca de 100% das televisões do Rio de Janeiro sintonizadas em seu 152º capítulo em 4 de outubro de 1972 (FELÍCIO, 2020) ou “A Escrava Isaura”, da faixa das 18h do ano de 1976, que são nomes que marcaram o imaginário popular mesmo dos que não viram as obras, bem como “Saramandaia” da faixa das 22h do mesmo ano.

Ao longo da década de 1980 vemos a faixa das 20h da Rede Globo, uma das maiores do mundo e que ainda hoje detêm o monopólio do ramo no país, fixar cada vez mais seu nome do inconsciente coletivo com títulos de grande repercussão, até os dias de hoje, seja em lançamentos via *streaming* ou em seus canais de TV fechada (tal como o “Viva”, canal fechado de propriedade da GloboSat cuja programação é toda voltada para reprisar produtos antigos da Rede Globo) tais como “Roque Santeiro” de 1985, a polêmica “Mandala” de 1988, que abordou temas complexos como incesto ou as clássicas “Vale Tudo” de 1988 que fez o país para em frente a TV em seu capítulo final com a revelação do mistério “quem matou Odete Roitman?”, vilã icônica da obra interpretada pela saudosa Beatriz Segall ou ainda com “Tieta” de 1989, sendo essa a primeira produção da faixa em questão a ser produzida em um período, no papel, livre da censura.

Obras frutos de seu tempo, em especial “Tieta”, começam a questionar e representar assuntos com cada vez maior visibilidade, assuntos esses que por anos a censura do regime

militar sufocou, tais como, além da homossexualidade, a prostituição e a pobreza extrema, coisas que no dia a dia não são nenhum pouco raras, mas que o público não gosta de ver, até os dias de hoje, em novelas.

Em busca de compreender pontos de ruptura e continuidade das representações, vamos listar em ordem cronológica os personagens homossexuais, tanto homens quanto mulheres, no horário em questão (a faixa das 20h/21h da Rede Globo) apontando traços em comum entre todos os personagens, bem como os que diferem uns dos outros, sejam nos trejeitos ou no núcleo em que essas personagens transitam para que possamos compreender, como a sexualidade humana era entendida, ou melhor, como uma produtora de cultura (audiovisual) que chega a casa de todos os brasileiros nos mais remotos rincões do país usa sua plataforma para querer vender uma ideia do que é a homossexualidade humana.

Opta-se pela rede globo de televisão por ser esta a que há mais tempo investe de forma contínua em produções audiovisuais do tipo, a telenovela. Hoje estabelecida como a mais forte rede de produção de entretenimento do ramo das novelas, a Rede Globo já enfrentou seus problemas com audiência, quando, por exemplo, em 1990 teve que esticar os episódios da novela “Rainha da Sucata” para bater de frente com a novela “Pantanal” da rede Manchete (FELÍCIO, 2020), outra gigante desse ramo do entretenimento.

De fato, as novelas mais conhecidas e assistidas são de Rede Globo, o que fica comprovado quando visitamos os números de audiência registrados pelo IBOPE que nos mostram que das 10 telenovelas com os maiores índices de audiência da história, todas pertencem a emissora. É inegável que a Rede Globo detém a hegemonia das produções do seguimento (STAM, 2006).

Sendo a telenovela um fruto direto de seu tempo, ela torna-se uma obra que representará uma visão a respeito deste tempo. O ponto de vista da narração dos fatos partirá de um autor sobre o tempo em que ele está inserido ou um tempo que ele remontará, conforme suas crenças e valores, sobre o passado historicamente produzido, ou ainda, uma imaginação de um futuro.

Notamos que a esse ponto é vital que entendamos que, sendo uma obra fictícia, uma novela não é a realidade, mas sim ela apenas aborda a realidade. Percebamos que, conforme definida pelos próprios autores das obras em várias ocasiões, cito aqui novamente o documentário “Orgulho Além da Tela”, a novela é um espelho da realidade.

Tendo em vista responder questões como as acima propostas, minha pesquisa partirá da visita a arquivos digitais e artigos jornalísticos das obras em questão para uma análise

crítica das semelhanças e diferenças entre obra e período histórico representado e daí poder responder a questão central aqui sugerida: Para a maior indústria cultural nacional, o que é ser homossexual?

Poderemos ver como as narrativas são construídas pelos autores que recebem aval da emissora para vincular suas novelas na emissora e quais são as questões nas quais a sociedade demonstrou, ou não, interesse em ver na tela da sua televisão.

Conforme avançamos na linha do tempo formada vimos como, em um primeiro momento, mas especificamente entre os anos de 1988 a 1999 houve discussão em torno da aceitação dos homossexuais na sociedade. Como veremos ao longo da pesquisa, deste período podemos destacar três casos que são mais emblemáticos: o casal de lésbicas Cecília e Laís da novela “Vale Tudo” que discutiu a questão da herança nos casos de viuvez em casais homossexuais, o casal inter-racial formado por Sandro e Jefferson da novela “A Próxima Vítima” e o emblemático caso do casal lésbico Leila e Rafaela da novela “Torre de Babel”, duas mulheres bem resolvidas e bem-sucedidas que tiveram um final trágico devido aos índices de rejeição a obra o que nos ajuda a compreender como os núcleos de casais homossexuais são geralmente os mais afetados em obras que não atingem os índices de audiência.

O caso de “Torre de Babel” foi tão emblemático que nos anos seguintes entramos em um período de maior aceitação para casais não heterossexuais nas obras. Nas da década, entre 2000 e 2009 para ser mais específico, vimos os homossexuais em tela recebendo maior aceitação como no caso das jovens Clara e Rafaela de “Mulheres Apaixonadas” descobrirem sua sexualidade e seu amor uma pela outra de forma comovente, um amor se desenvolvendo nos formatos dos folhetins clássicos, bem como seria com o casal Eleonora e Jennifer de “Senhora do Destino”. Tão bem-aceitos que foram as personagens que reverberou muito na audiência da novela “América” que aguardou ansiosamente pelo *beijo gay* que tanto fora comentado na mídia e que aconteceria entre Júnior e Zeca, dois peões que se envolvem romanticamente um pelo outro.

Depois de muito comoção em torno do *beijo gay*, na década seguinte com a novela “Insensato Coração” conseguimos notar como houve um movimento de aumentar a participação de forma naturalizada dos homossexuais nas novelas. Escrita por dois autores assumidamente homossexuais, “Insensato Coração” ainda hoje detém o recorde de novela com o maior número de personagens homossexuais das novelas brasileiras e que tinham histórias que se encaixavam de maneira orgânica na trama, todavia, anos depois quando a mesma dupla se reuniria novamente para uma nova produção com um elenco repleto de

nomes de peso, o que foi ao ar foi uma das novelas com um dos menores índices de audiência da história da Globo. “Babilônia”, a trama em questão que foi ao ar em 2015 até hoje está no imaginário coletivo dos *noveleiros* com um fracasso de audiência em decorrência do beijo *gay* que teve logo em seu primeiro episódio.

Entretanto, entre as duas novelas citadas acima devemos frisar que houve dois casos igualmente emblemáticos: “Fina Estampa” e “Amor à Vida”. A primeira, a novela do *Crô*, um dos mais canônicos personagens homossexuais da TV brasileira, era uma caricatura dos trejeitos empregados aos homossexuais que é amado e odiado na mesma medida até hoje e a segunda a novela do Félix, o vilão homossexual que se redimiou ao longo da trama e terminou nas graças do povo dando, no último capítulo da novela, o beijo *gay* que para muitos até hoje é lembrado, erroneamente, como o primeiro beijo *gay* da TV.

Entre *idas e vindas* narrativas de avanços e retrocessos, faremos uma jornada por um pedaço da história da televisão brasileira entre as produções mais consumidas pelo público da emissora.

2. Sociedade às 21h: Retratos do cotidiano no horário nobre da Globo.

A Rede Globo é a rede de televisão aberta que tem o maior alcance a nível nacional. Desde muito cedo investindo em redes locais afiliadas que replicam seu sinal em todo o país, a Globo consegue chegar aos mais distantes pontos, sendo a forma de entretenimento de massas com maior alcance nacional desde o fim da *Era do Rádio*.

Embora muito forte no jornalismo, a Globo encontra nas suas produções do ramo do entretenimento sua maior fonte de lucro. Atualmente, os maiores produtos são o *reality show* “Big Brother Brasil” e as novelas, todavia, antes do *BBB* tornar-se o fenômeno cultural que é atualmente, era nas novelas que se encontrava a maior receita da emissora, em especial na faixa do horário nobre (que compreende das 18h às 00h) que o custo do *merchandising* era mais alto.

Para anunciar em uma novela das 21h da Globo, por exemplo, estima-se que o preço do um anúncio de 60 segundos no ar custa R\$ 1.68 milhão⁴ ao ponto que um anúncio no Jornal Nacional, principal telejornal da emissora que também compõem o horário nobre, custa uma quantia aproximada de R\$ 1.03 milhão⁵.

O horário nobre é estabelecido pela emissora levando em consideração vários fatores, porém podemos destacar que trata-se do horário em que o público-alvo das produções está,

4 André Romano, *Observatório da TV*.

5 Redação VEJA São Paulo.

em sua maioria, em casa. O período da noite é o momento em que o brasileiro em massa está em frente da televisão, ou com alguma por perto ligada, ainda que apenas “fazendo barulho” no ambiente, logo, é nele que se encontra o maior foco da rede Globo: agradar o cidadão médio da, em sua maioria, classe trabalhadora.

Devemos sempre ter em mente que as novelas são produções de entretenimento ficcional sem obrigações com a realidade, porém são produções que, em via de regra, propõem-se a representar uma romantização do cotidiano, tendendo a refletir situações de sua época, questões do cotidiano que “a assiste” e também devemos ter sempre em mente que toda produção é fruto de seu tempo, logo uma coisa não se dissocia da outra.

Com o passar dos anos, podemos claramente ver os estilos de telenovelas mudarem sua narrativa para agradar as audiências contemporâneas e os autores que tem seus estilos narrativos muito bem definidos.

Há as novelas de Gilberto Braga, histórias que se desenrolam em cotidianos cosmopolitas que sempre contam com um mistério de “quem matou *Fulano de Tal*?” que movimentam as retas finais de suas obras, em contraponto temos as novelas de Manuel Carlos, o autor das histórias de amor romântico dramáticas que se desenrolam entre as famílias ricas do Leblon, cujas protagonistas são sempre um Helena que sofre, e chora, muito.

Há também as de Glória Perez, uma das autoras mais prolíferas da TV brasileira, que tem suas obras marcadas tanto por sempre representar uma cultura local (seja de outro país, seja de estado brasileiro) específica quanto por ser uma das, se não a, autora que mais dedica espaço em suas obras para o *merchan social*⁶. Podemos destacar como exemplos mais lembrados a jovem Mel, personagem de família rica que era dependente química interpretada por Débora Falabella em “O Clone” de 2001, a cleptomaníaca Haydée, interpretada por Christiane Torloni em 2005 na novela “América” ou a complexa história de “Barriga de Aluguel” de 1990 que “[...]discutiu um tema novo na época: os limites éticos da inseminação artificial envolvendo mães de aluguel” (MEMÓRIA GLOBO, 2021).

Temos Sílvio de Abreu, cujas tramas sempre giram em torno de algum suspense, como por exemplo a identidade do assassino de “A Próxima Vítima” ou João Emanuel Carneiro, do fenômeno “Avenida Brasil” que retratava uma mirabolante história de vingança e tem como traço central de sua obra que não se passem em áreas nobres de grandes centros urbanos, mas sim nas periferias.

6 *merchandising* (*propaganda* em livre tradução) social é o termo comumente aplicado às produções que representam fatos e problemas da sociedade a fim de provocar reflexões acerca dos mesmos.

Para finalizar o grupo formado pelos autores mais canônicos da faixa em questão temos Walcyr Carrasco e Aguinaldo Silva. Tal como Gilberto Braga, ambos são homossexuais assumidos e é comum ter em suas tramas personagens LGBTQIAP+⁷.

Dentre as obras mais famosas de Walcyr Carrasco podemos destacar seus folhetins cômicos no horário das 18h, tais como “O Cravo e a Rosa” de 2000, inspirada na peça “A Megera Domada” de Shakespeare, “Chocolate Com Pimenta” de 2003, “Alma Gêmea” de 2005, bem com as tramas do horário das 20h/21h, a exemplo de “Amor à Vida” de 2013, fenômeno de audiência que trouxe o memorável personagem Félix, interpretado por Matheus Solano, que contém um dos mais emblemáticos beijos *gay* da história da TV. Esta obra é uma com um tom mais (na falta de um termo que se encaixe melhor) sério, no estilo clássico dos folhetins do horário: *Mocinha* sofrida que busca felicidade após ter sua vida alterada de maneira quase irreparável pelo vilão da trama.

Quanto a Aguinaldo, podemos destacar “Roque Santeiro” de 1985, “Tieta” de 1989 e “Senhora do Destino” de 2004. Obras que ainda estão na memória coletiva da história da TV brasileira que demonstram a versatilidade da escrita do autor: A primeira é guiada pelo Realismo Mágico⁸, a segunda é baseada em uma das mais icônicas obras da terceira fase do modernismo no Brasil escrita pelo gênio da literatura baiana Jorge Amado e a terceira é uma trama cosmopolita que retrata a busca de uma mãe solo de 5 filhos e retirante nordestina que desembarca no Rio de Janeiro em 1964 e tem sua filha recém-nascida roubada em meio às tensões do golpe civil-militar pela vilã sociopata homicida da trama.

Devemos perceber que a recepção do público aliada ao tipo de escrita de cada autor deixava claro o que cada audiência buscava. Temos no final dos anos 1990 e começo dos anos 2000 as novelas de Manoel Carlos, o *Manêco*, muito em alta com sua fórmula de representar a vida das “elites intocáveis” do Rio de Janeiro em tramas de destaque que renderam grande audiência como “Por Amor” de 1997 e “Laços de Família” de 2000, porém a mesma fórmula não conseguiu atingir êxito em 2014, quando foi ao ar sua última obra “Em Família”, trama que amargou índices péssimos de audiência e fora criticada justamente por representar a vida de classes dominantes em uma época que não “cabia mais” na televisão.

7 Sigla atual para o movimento de diversidade sexual e identidades de gênero. A sigla significa, respectivamente: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais e travestis, *Queer*, Interssexuais, Assexuais, Panssexuais e o ‘+’ representa as demais identidades de gênero e orientações sexuais existentes que variam de cultura para cultura.

8 Gênero literário adotado pelas telenovelas como forma de narrativa que mescla realidade palpável com elementos fantasiosos, tais como pessoas com superpoderes ou fenômenos paranormais. O gênero tem Dias Gomes com um de seus principais autores.

O público queria se ver retratado, o público pobre, as classes baixas da sociedade que vinham consumindo cada vez mais novelas e havia “se assistido na TV” em “Avenida Brasil” de 2012, cuja trama central estava ligada a trabalhadores, moradores de favelas e o “Lixão da Mãe Lucinda”⁹. Há de se reparar que “Avenida Brasil” foi um fenômeno de audiência tão grande que nem mesmo o próprio autor João Emanuel Carneiro conseguiu igualar com suas futuras obras e a novela é lembrada até os dias de hoje com a última novela que “parou o país” no seu último episódio.

Temos com traço comum em todas as obras a representação do cotidiano do povo brasileiro nas novelas, de forma ficcional para que o público sinta empatia pelas personagens, afinal nota-se que é isso que motiva uma pessoa sentar em frente a TV por aproximadamente 200 episódios a fim de acompanhar uma história. O povo quer se ver na TV.

Como a sociedade é representada, obviamente suas questões pulsantes serão representadas. Acompanhamos ao longo dos anos temas aparecendo cada vez mais nas tramas conforme vemos as discussões aumentando nas ruas: violência doméstica, alcoolismo, compulsões por jogos e/ou compras e dependências químicas, homossexualidade e questões de gênero, dentre outros.

Antes da promulgação da nossa Constituição Cidadã de 1988, a ditadura militar aplicava censura geral e irrestrita no Brasil, umas das inúmeras arbitrariedades cometidas pelo regime em questão. Obviamente, as novelas não passaram ilesas. Temos em 1975 o caso de “A Fabulosa Estória de Roque Santeiro e de Sua Fogosa Viúva, a Que Era Sem Nunca Ter Sido”, obra escrita por Dias Gomes, autor perseguido pela ditadura de longa data, que foi proibida de ir ao ar já tendo elenco e as equipes técnica e artística sido contratados, além de já episódios gravados. A trama sairia do papel apenas em 1985 sob o título de “Roque Santeiro” e já com outro autor.

Temas que eram proibidos eram os mesmos que eram censurados nos jornais e na mídia como um todo: tudo que fosse considerado comunista, subversivo ou que fosse minimamente interpretado como qualquer forma crítica ao regime. Conceitos completamente subjetivos que seriam determinados pelos censores responsáveis da época. Temas como homossexualidade, vício em drogas, conteúdo com maior teor sensual e nudez raramente iam ao ar e quando acontecia, em sua maioria, era por erro de algum censor, tal como acontecia com as músicas de MPB que eram compostas, por exemplo, usando de figuras de linguagem.

9 Centro de coleta e separação de lixo que existia na trama e englobava alguns dos personagens centrais. A “Mãe Lucinda” em questão é a personagem Lucinda interpretada por Vera Holtz, figura materna da trama que comandava a operação.

Temos o caso da novela “Brilhante” de 1981 como exemplo, que tal como relata a atriz Fernanda Montenegro no documentário “Orgulho Além da Tela”, que foi preciso de usassem toda a influência de todos os nomes famosos envolvidos no núcleo onde havia um personagem *gay*, em torno do qual girava a trama, ainda que de forma velada, para que a palavra *gay* fosse usada, porém a censura não permitiu sob nenhuma condição.

No período do regime militar a censura era uma força do Estado para que tudo o que não agradasse a quem estava sob comando deste Estado fosse calado. Minorias de todas as formas e em todos os setores da sociedade que já eram calados deste sempre, no regime militar não foi diferente. O terror de Estado era exercido em todas as suas formas.

Depois de vinte e um anos de uma ditadura militar completamente ilegítima e mais quatro anos de um governo Sarney, governo este que, tal como o regime, não fora escolhido pelo povo e durou um total de 5 anos, finalmente em 1988 é promulgada a Constituição atual do Brasil, bem como é estabelecido que o povo irá às urnas em pleito eleitoral novamente para poderem escolher seu presidente democraticamente, experiência que o povo não tinha desde 1961 quando havia eleito Jango, deposto pelo golpe.

A Constituição Cidadã de 1988 traz em suas páginas iniciais, logo no art. 5º, em seu inciso IX que “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;” (1988, pg. 05) e também em seu art. 220º, no inciso IIº onde explicita que “é vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.” (1988, pg. 104).

Em 1988 a *novelas das 8h* que está no ar foi a antológica “Vale Tudo”. Obra com a qual começaremos nossa jornada.

2.1 REPRESENTAÇÕES DA HOMOSSEXUALIDADE NO HORÁRIO NOBRE DA GLOBO DE 1988 À 1999: DA LUTA POR DIREITOS CIVIS À “EXPLOÇÃO DO SHOPPING”.

Em 1988 “Vale Tudo” foi um fenômeno cultural. A trama era provocativa desde o início e se propunha a discutir “até onde vale a pena ser honesto no Brasil?”. Embora tenha entrado para a história na memória coletiva do brasileiro pelo mistério “quem matou Odete Roitman?” que moveu o país nos últimos 12 capítulos da novela, “Vale Tudo” é uma obra

cujo texto ainda é atual aos dias de hoje, a obra que sobrevive ao tempo é o que convencionalmente chamamos de Clássico.

Assinada por Gilberto Braga, a trama girava em torno da “corrupção e falta de ética conduziam Vale Tudo, que denunciava a inversão de valores no Brasil do final dos anos 1980” (MEMÓRIA GLOBO, 2021), e tinha como protagonistas Maria de Fátima (Glória Pires), jovem ambiciosa e sem escrúpulos que não mede esforços para alcançar seu sonho de ser rica e bem relacionada, a contraponto de sua mãe, a trabalhadora Raquel (Regina Duarte), mãe solo que acha que apenas o trabalho árduo e a honestidade podem render um futuro bom, valor que carrega de sua família.

A trama que começa em outra cidade se move para o Rio de Janeiro quando Maria de Fátima vende a casa da mãe, deixando-a na rua e sem amparo fugindo com o dinheiro para comprar roupas caras e assim conseguir arrumar um marido rico.

Há nessa obra duas personagens que, embora hoje saibamos tratar-se de homossexuais, nunca tiveram sua sexualidade explorada na trama, a discussão que os autores queriam trazer era outra. Cecília (Lala Deheinzelin) e Laís (Cristina Prochaska) são donas de uma pousada rural e tem um relacionamento homoafetivo.

Em determinado momento da obra, umas das personagens morre em um acidente de carro.

Cecília (Lala Deheinzelin) e Laís (Cristina Prochaska) mantinham um romance na novela. Cecília era irmã de Marco Aurélio (Reginaldo Faria), que, sob nenhuma hipótese, aceitava o relacionamento dela com outra mulher. Cecília morre em um acidente de carro e deixa seus bens para Laís, mas Marco Aurélio faz o possível para impedir que a moça receba a herança. O tema do homossexualismo feminino, protagonizado por Cristina Prochaska e Lala Deheinzelin, sofreu intervenção da Censura Federal: vários diálogos entre Laís e Cecília, suas personagens, tiveram de ser reescritos, depois que foi vetada a cena em que as duas contavam a Heleninha (Renata Sorrah) sobre os preconceitos de que eram vítimas por causa de seu relacionamento. (MEMÓRIA GLOBO, 2021)

Marco Aurélio também tem um filho descrito como “doce” que ele desconfia, ao longo da trama, ser homossexual, porém ao decorrer desta, ele namora mulheres.

O personagem Marco Aurélio briga na justiça para ter direito aos bens da falecida irmã alegando que ela não tinha união civil com ninguém, logo ele seria o herdeiro por ser o parente mais próximo, negando assim a relação entre a falecida irmã e a cunhada, todavia, era um fato que não existia união estável entre as personagens, pois a união homoafetiva ainda não era legalizada no país e, segundo o autor Gilberto Braga relata¹⁰ a personagem não fora morta na trama por conta de rejeição do público, mas sim porque esta discussão já era imaginada desde a concepção da obra justamente para que essa discussão ocorresse entre o

10 Documentário “Orgulho Além da Tela”.

público e assim entra a discussão acerca dos direitos civis dos homossexuais em união estável no horário nobre da Globo.

Ao mesmo tempo que vemos questões importantes chegando às telas, temos que notar também que aqui já há uma das formas mais usadas de representação dos homossexuais até os dias de hoje nas novelas: os “discretos e fora do meio”.

O que convencionou-se chamar de “discreto e fora do meio” são os homossexuais, sejam homens ou mulheres que tem um relacionamento velado e, socialmente, se apresentam de forma heteronormativa¹¹ não trocando carícias e não falando abertamente sobre seu relacionamento, por exemplo. São os casais que, diferente dos casais heterossexuais da trama, tem suas intimidades pouco mostradas e muito pouco, ou nada, comentadas. São casais que, embora juntos há anos e a audiência presumindo que trata-se de homossexuais, eles nunca se beijam ou se tocam e, diferente dos demais casais da trama, estes não tem relações íntimas ou suas vidas privadas exploradas.

Embora a audiência da novela tenha se mantido alta e o fim da trama tenha gerado muita especulação entre o público de todo o país, o diretor Dennis Carvalho Relata em entrevista¹² que a reação do público a trama de duas mulheres lésbicas foi negativa. Ao fim da trama, a personagem que sobrevive, Laís, consegue manter os bens de sua falecida companheira e conhece a fotógrafa Marília (Bia Siedl) que dá a entender, seria seu novo interesse romântico.

Prova de que a discussão acerca dos direitos dos homossexuais avançava no mundo todo é que em 17 de maio de 1990 a OMS (Organização Mundial de Saúde) retira a homossexualidade do rol de doenças da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados a Saúde – CID.

No horário nobre da Globo, o tema da homossexualidade apareceria novamente em 1992, na novela “Pedra Sobre Pedra”, assinada por Aguinaldo Silva. A obra era centrada na trama de um revanchismo entre duas famílias de uma região sertaneja da Bahia e, como traço já citado do autor, tinha elementos do realismo mágico.

A questão da homossexualidade ganhava visibilidade, ainda que em pequena escala, com o personagem Adamastor (Padro Paulo Rangel) que é amigo de longa data e funcionário de confiança de Carlão (Paulo Betti). Este, um bronco homem heterossexual, dono do bordel do qual Adamastor é responsável.

11 Aquilo que se apresenta a fim de reforçar determinada representação de sexualidade, “*menino veste azul e menina veste rosa*” ou “*homem é másculo, mulher é delicada*”, por exemplo.

12 Documentário “Orgulho Além da Tela”.

Na página da novela no acervo “Memória Globo”, o personagem de Adamastor é descrito como alguém que “nutre sentimentos confusos pelos amigos de infância” (2021) e ainda como “Apesar da imensa bondade, se dá mal o tempo todo.” O que indica que o personagem faz parte do núcleo cômico da novela, um traço muito comum e muito repetido ao longo dos anos nas novelas: o homossexual animado, sempre feliz e “brincalhão” mas que constantemente é apresentado em situações cômicas. Esse trejeito é um recurso narrativo usado a exaustão nas novelas até os dias de hoje. Estes personagens são vistos em maior parte nas novelas da faixa das 19h, tais Adriano (Paulo Zulu) da novela “Tititi” de 2011 e Cássio (Marco Pigossi) da novela “Caras e Bocas” de 2009, ambas da faixa das 19h.

Na descrição do personagem¹³ ele é resumido como alguém que “protege as três moças que trabalham no Grêmio Recreativo com um carinho paternal”. O Grêmio Recreativo em questão é um bordel. Temos aí outro padrão que notaremos novamente em obras vindouras, o fato de os homossexuais estarem alocados na trama em lugares onde crimes e contravenções são cometidas.

Conforme o artigo 230 do Código Penal Brasileiro é contra a lei “tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça: Pena - reclusão, de um a quatro anos, e multa.” O crime de rufianismo era praticado pelo personagem Carlão, logo, Adamastor que transitava com tal situação era conivente a ela. Os homossexuais e minorias em geral tendem a ser representados como membros de setores marginalizados da sociedade, como os das profissionais do sexo em questão.

No documentário “Orgulho Além da Tela” nos é mostrado um registro de uma cena da novela em que vemos o personagem Adamastor revelando que ama Carlão, porém a sexualidade do personagem não fora um ponto relevante nem mesmo a sua trama. Novamente usam-se trejeitos que comumente são utilizados como recursos narrativos que indicam a homossexualidade do personagem.

Em 1995 teríamos novamente personagens *gays* no horário nobre, todavia vale mencionar que em 1993 a novela “Renascer” abordou a questão que, hoje entendemos como intersexo, porém a época era chamado pelo termo, hoje pejorativo, “hermafrodita” na personagem Buba (Maria Luíza Mendonça) cujo sonho era conseguir gestar uma criança ao lado de seu companheiro o homem *cis* José Augusto (Marco Ricca) que sabe de sua condição e lhe apoia.

13 No site “Memória Globo”.

“A Próxima Vítima” de 1995 escrita por Sílvio de Abreu foi uma das novelas mais singulares da televisão brasileira. Usando de uma linha narrativa pouco usada até os dias de hoje para produções do tipo, a trama girava em torno de um assassino em série, cuja identidade seria descoberta apenas no último capítulo. A novela fora planejada para que um personagem fosse assassinado por mês até o fim da novela quando seria revelado o mistério acerca do assassino e seu motivo.

Polêmica por si só, a novela contava com vários personagens dúbios em que até mesmo a *mocinha*¹⁴ interpretada por Susana Vieira era uma mulher adúltera, encontrávamos Jefferson (Lui Mendes) e Sandro (André Gonçalves) eram um casal gay inter-racial.

Aqui temos um ponto fora da curva. As novelas escritas por Sílvio de Abreu costumam ter um linguajar muito popular, com o uso de palavrões, um ponto pouco comum em novelas da globo, além do uso de violência gráfica. Os assassinatos que acontecem na trama são o mais explícito que a faixa permitira à época, incluindo assassinatos com tiros a queima-roupa e a pauladas.

As personagens verbalizavam acerca de suas sexualidades. Embora não houvessem cenas de contatos íntimos ou carícias entre eles, Jefferson e Sandro falam sobre o que sentem um pelo outro e sobre suas lutas internas de autodescoberta e autoaceitação para com suas sexualidades.

A visibilidade das à homossexualidade das personagens na trama em questão é relativamente maior do que era visto nas obras até então, tanto que as discussões moviam inclusive familiares dos personagens, tal como os pais e irmão dos personagens que aceitavam, ou não, suas orientações sexuais.

Um grupo de rapazes agrediu o ator André Gonçalves no último sábado à noite, na Gávea, zona sul do Rio. Ele interpretou o homossexual Sandrinho na novela “A Próxima Vítima”, da Rede Globo. Gonçalves voltava para casa acompanhado do irmão, depois de jantar em um restaurante, quando sofreu a agressão na esquina das ruas Marquês de São Vicente e Professor Manuel Ferreira. Um homem que presenciou a cena disse que os rapazes ameaçaram o ator de morte e em seguida lhe acertaram socos e pontapés. “Desde a novela venho sendo xingado e ameaçado. Peço que parem com isso”, afirmou a ator em entrevista ao “Jornal Nacional” de anteontem. Ontem, a Folha não conseguiu localizar André Gonçalves. Não há registro policial do caso. A TV Globo, por meio de sua assessoria de imprensa, não quis se pronunciar sobre o assunto. A novela “A Próxima Vítima”, escrita por Sílvio de Abreu, foi exibida de março a novembro de 95. (FOLHA DE S. PAULO, 1997).

Um ator é agredido na rua por interpretar um personagem homossexual em uma novela do horário nobre. Esse é o alcance que uma trama da Globo atinge. Podemos notar que esse fato não é isolado, pois houve outros episódios de atores que, geralmente interpretando vilões, são agredidos na rua, como o caso da atriz Regiane Alves na época da novela

¹⁴ Termo comumente aplicado à protagonista feminina de novelas.

“Mulheres Apaixonadas” (2003) que relata que foi agredida em um elevador por uma vizinha que a mandou ser mais “educada com seus avós” ou quando uma mulher com dois cães da raça rottweiler avançou para cima dela dizendo que ela merecia apanhar de corrente pelo que “fazia com seus avós”. A personagem se Regiane em questão, Dóris, era uma jovem que extorquia e maltratava seus avós na trama.

Voltando a trama de “A Próxima Vítima”, a homofobia sofrida pelo ator (que embora seja um homem *cis* heterossexual) fora das telas também foi abordada, de certa forma, na trama. Há cenas onde vemos as mães dos personagens conversando e culpando uma a outra pela orientação sexual dos filhos ao mesmo tempo que temos o personagem irmão de Jefferson na trama que é um homem homofóbico que expressa a sua própria heterossexualidade de uma forma falocêntrica e autoritária.

Sílvio de Abreu conta em entrevista¹⁵ que por ter homossexuais em seu convívio pessoal, ele queria representar essas pessoas em sua arte, a fim de introduzi-los nos diálogos abertos da sociedade. Importante salientar que no fim da trama, novamente aqui os personagens tiveram aceitação suficiente do público, o que lhes rendeu um final feliz na trama.

Em 1997 temos a novela “A Indomada”. Obra com autoria de Aguinaldo Silva, aqui temos uma trama que mistura as culturas do nordeste brasileiro com a cultura inglesa na fictícia cidade de Greenville.

“A Indomada” por sua vez vai contra isso. Até mesmo a vilã da trama era cômica. Maria Altiva Pedreira de Mendonça e Albuquerque interpretada por Eva Wilma tinha o uso de bordões¹⁶ como recurso estilístico, tais como “‘*oxente*’, *my God*” e, mesmo enquanto coloca suas maldades em prática, a personagem tem um tom altamente cartunesco com direito a gargalhada estridente ao por em prática suas maldades.

Na trama temos a personagem Vieira (Catarina Abdala), parte integrante do núcleo da novela ambientado em um bordel que, além de trabalharem com sexo produzem manualmente bordados que vendem às beatas da cidade de Greenville sem que estas saibam da origem dos produtos que compram. Mais uma vez podemos ver a homossexualidade próxima a questões de vulnerabilidade social, marginalização e contravenções.

Temos dois pontos interessantes a analisar neste momento. Embora a trama não focasse no romance supostamente vivido pelas personagens Vieira e Zenilda (Renata Sorrah),

¹⁵ Disponível no site “Memória Globo”

¹⁶ *Bordão* é o termo empregado a frases repetidas a exaustão por determinado personagem a fim de ficar como “marca registrada” do mesmo. Recurso narrativo empregado, em sua maioria, na comédia.

a relação de ambas era velada, tinham uma forte amizade e muito companheirismo, moravam e trabalhavam juntas no bordel da cidade. A trama não debatia se havia ou não um romance, o que era mais destacado era o confronto das duas personagens com a vilã da trama, Maria Altiva. As duas tinham um ímpeto grande na busca por justiça.

Outro ponto que a trama tocava era o personagem “Cadeirudo”. Figura misteriosa de identidade desconhecida, era uma espécie de “monstro” que andava pelas ruas de Greenville atacando mulheres que estivessem na rua após o anoitecer. Acho interessante comentar que temos uma questão de gênero interessante sendo abordada nesse núcleo, que conta com uma personagem lida como lésbica, uma ameaça patriarcal e conservadora que ataca mulheres. Ao fim da trama quando a identidade do criminoso é revelada, trata-se de uma personagem feminina que atacava outras mulheres em nome da “moral”, uma beata que atacava as mulheres para que as demais ficassem com medo e não andassem na rua à noite.

Na página da novela do “Memória Globo”, é possível encontrarmos hoje a seguinte descrição sobre a relação entre as personagens: “No início da novela, Zenilda (Renata Sorrah) tinha um caso com a personagem Vieira (Catarina Abdala). Mas a história não foi bem recebida pelo público, o que fez com que os autores investissem no romance de Zenilda com Pedro Afonso (Cláudio Marzo).”

Vemos que a novela é uma obra aberta que vai sendo escrita conforme a recepção do público e em resposta a este. As personagens compunham também parte do núcleo cômico da novela.

Não houve nenhuma carícia entre as personagens.

Na sequência de “A Indomada”, ainda em 1997 inicia “Por Amor”, Escrita por Manuel Carlos, a trama era centrada em uma família onde mãe e filha dão a luz no mesmo dia. A mãe, Helena (Regina Duarte) dá a luz a uma criança saudável, ao passo que sua filha Maria Eduarda (Gabriela Duarte) dá a luz a uma criança natimorta em um parto complicado que resulta na retirada de seu útero. Os conflitos da trama giram em torno da troca de bebês que Helena convence o médico obstetra a trocar as crianças, assumido, por assim dizer, a maternidade da criança natimorta para dar a filha a chance de ser mãe e realizar seu sonho. E a questão proposta pela trama era a seguinte: “Até onde alguém é capaz de ir por amor?”

A trama não conta com nenhuma personagem abertamente homossexual, porém a certa altura da trama a personagem Virgínia (Ângela Vieira) segue seu marido por achar que está sendo traída, o que se confirma quando ela descobre que ele, Rafael (Odilon Wagner) é bissexual e está se relacionando de maneira extraconjugal (uma vez que seu acordo de união

era a monogamia) com um homem mais jovem, Alex (Beto Nasci). Não foi uma representação da homossexualidade em si, porém a certo momento houve uma visibilidade a um casal que se configurou como homossexual.

Na sequência de “Por Amor”, ainda em 1998, foi ao ar a novela “Torre de Babel” e foi uma obra de rupturas. Com autoria de Sílvio de Abreu, a novela tendia a ser um choque já pelo fato de ser um autor completamente oposto, estilisticamente, ao outro. Enquanto as novelas de Manuel Carlos tem um desenvolvimento mais longo de personagens e tramas, as obras de Sílvio tendem a ser mais dinâmicas e ágeis, além de girarem em torno de mistérios.

A novela cujo título é referência a uma passagem bíblica tinha pretensões imensas que já ficavam claras desde sua abertura densa onde vemos a Torre de Babel se transformando no shopping *Tropical Towers* onde é centrada a trama da novela.

Uma das obras mais pesadas do autor, já no capítulo inicial começamos acompanhar a história de Clementino (Tony Ramos), homem que descobre ser traído por sua companheira e a mata, bem como mata o amante dela de forma brutal. A cena testa os limites do que seria ou não possível ir ao ar na faixa, segundo as diretrizes que o Ministério Público Federal identifica como adequado ou não para cada horário.

A primeira cena da novela é composta por uma sequência de um homem cometendo um duplo homicídio contra sua companheira e mais uma pessoa enquanto ambos estão seminus. Logo na sequência, partimos para uma apresentação de personagens no núcleo do *Tropical Towers* com mulheres tendo seus corpos erotizados, tal como a vítima da cena anterior¹⁷. É na figura de um feminicida condenado que temos o protagonista que vai nos guiar pelos 203 capítulos da trama.

A obra descrita como tendo “A temática principal da novela era a violência em uma sociedade na qual ricos se fecham em condomínios e marginais são trancafiados em sistemas penitenciários inoperantes.” (MEMÓRIA GLOBO, 2021). A trama lidava também com dependência química e o submundo da violência do tráfico.

No núcleo dos ricos empresários que compõem o *Tropical Towers*, temos o casal Leila (Sílvia Pfeiffer) e Rafaela (Christiane Torloni), donas de uma loja de grifes que funciona no shopping. Ricas e bem-sucedidas, Sílvio de Abreu nos relata que a história foi interrompida devido a má recepção pública para com a obra.

¹⁷ A obra em questão, cuja cena é descrita, está disponível para assinantes do serviço de *streaming* “GloboPlay”.

Elas tinham momentos de maior ternura entre si do que o que vinha sendo mostrado até então, porém nem se cogitava a intenção de um beijo gay na obra, elas ainda falavam abertamente sobre a homofobia que sofriam. O casal ficou aproximadamente 45 episódios no ar até que veio a explosão do shopping *Tropical Towers* que foi usado como recurso para exterminar personagens dos quais o público não gostava e colocar a trama em torno do mistério “quem explodiu o shopping?”.

A novela causou polêmica por conta de alguns temas até então pouco explorados nas novelas de Silvio de Abreu. O autor tratou de drogas, infidelidade conjugal, homossexualidade e violência, provocando reações em parte da audiência e da Igreja. A repercussão negativa levou a mudanças na estrutura da trama. Nesse sentido, a explosão do shopping teve, em termos de narrativa, uma função similar à do terremoto em *Anastácia, a Mulher sem Destino* (1967). O evento já estava previsto na sinopse, mas Silvio de Abreu decidiu utilizá-lo para eliminar personagens que não foram bem aceitos pelo público, como o dependente químico Guilherme (Marcello Antony) e a ex-modelo e empresária Leila (Silvia Pfeifer), namorada de Rafaela (Christiane Torloni). (MEMÓRIA GLOBO, 2021)

Conforme o autor relata em entrevista¹⁸, a intenção da morte da personagem Rafaela já era previsto desde o começo da novela, para que a partir daí Leila estreitasse sua amizade com Marta (Glória Menezes), recém-divorciada do marido, ambas encontrariam apoio uma na amizade da outra, porém a recepção para com as personagens foi tão negativa junto ao público que ele decidiu que ambas morreriam para preservar o relacionamento delas.

Ainda no documentário, ele relata ainda que o público alegava ter se afastado pelo trabalho que a mídia fazia acerca da obra no momento. O autor alega que o público se afastava a novela por eventos que as *revistas de fofoca* diziam que já havia sido gravas cenas de sexo entre as personagens de Silvia Pfeifer e de Glória Menezes, o que, como já dito, não chegou nem a ser cogitado. Ele crê que o público se afastou da obra pelo que, supostamente, estaria por vir.

A emissora obrigou o autor a fazer mudanças drásticas na fundação da trama a fim de trazer novamente o público, o que surtiu efeito, pois a trama recuperou audiência ser as personagens criticadas (em especial o casal de lésbicas e o dependente químico Guilherme interpretado por Marcelo Anthony).

Vemos que “os anos 90 foi um período de discussão das ideias com liberdade, e isso se refletiu na dramaturgia, porque o que acontece na vida real é refletido sempre na dramaturgia” (2021) conforme nos alega o autor Ricardo Linhares, colaborador de longa data da Globo.

Vejamos, as personagens tinham um local de destaque na trama e, mesmo senso interpretadas por duas atrizes consolidadas à época, a reação do público foi negativa. A reação

¹⁸ Documentário “Orgulho Além da Tela”.

à morte dos personagens em questão resultou num aumento tão considerável da audiência que a cúpula da Globo chegou a estudar a possibilidade de aumentar a novela para segurar tais índices¹⁹.

Ainda hoje muito se discute sobre qual o real motivo de tamanha rejeição do público às personagens e não podemos dizer que a resposta para tal questão seja única, porém é emblemático que as últimas palavras ditas por Rafaela instantes antes da explosão do shopping tenham sido: “Nunca pude imaginar. Sei lá, uma coisa com essa tem explicação? Tem sim... Só pode ser esse maldito preconceito!”.

Antes da virada do século, tínhamos outro personagem *gay* do tipo discreto em obras do horário nobre, o médium Uálber (Diogo Vilela) na novela “Suave Veneno” de 1999, escrita por Aguinaldo Silva. Uálber foi um personagem que compunha o núcleo cômico da novela, sua sexualidade não era um segredo, ele era abertamente homossexual e chegou até ser agredido por homofobia na rua em determinada cena, todavia, sua sexualidade não é um ponto tocado ao decorrer da obra, isso pode ter se dado tanto por medo do autor (e da emissora) em tocar na temática da homossexualidade de forma explícita depois de “Torre de Babel” ou como escolha de narrativa que possa ter sido adotada pelo autor com a função de naturalizar a sexualidade do personagem como algo corriqueiro, tal com os personagens heterossexuais que não precisam, em momento algum da obra, dizer que são heterossexuais (tal com na vida real).

2.2 REPRESENTAÇÕES DA HOMOSSEXUALIDADE NO HORÁRIO NOBRE DA GLOBO DE 2000 À 2009: CHEGOU A HORA DO BEIJO *GAY*?

Na sequência de “Suave Veneno” vieram cinco tramas de autorias diversas que não contaram com nenhum personagem homossexual. Dentre estas podemos destacar “Terra Nostra” de 2000, “Laços de Família” de 2001 e “O Clone” de 2002 que são obras ainda presentes na memória coletiva sobre a televisão brasileira e atingiram bons níveis de audiência.

Em 2003 Manuel Carlos volta a faixa nobre com a obra “Mulheres Apaixonadas”. A trama é descrita com “crônica urbana e realista sobre as relações familiares teve a mulher e o amor no centro das discussões” e se desenrolava em torno da *Escola Ribeiro Alves (ERA)*, escola de ensino médio cuja diretora é Helena (Christiane Torloni), a protagonista da trama.

¹⁹ Rui Dantas, “Folha de S.Paulo”.

Cursando o último ano do ensino médio dessa escola estão Clara (Alinne Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli), duas jovens que estão passando pela crise de identidade causada pela descoberta de sua sexualidade.

Embora carícias fossem evitadas, há uma narrativa padrão de descoberta do amor e começo do encantamento do amor romântico conforme adotado também por narrativas clássicas de casais heterossexuais, além de também discutir abertamente a questão da homofobia, principalmente nas formas de Paulinha (Ana Roberta Gualda), *bully* da escola que perseguia as personagens em questão. Diferente das personagens homossexuais, Paulinha era de origem humilde e estudava na escola elitista por ter bolsa de estudos. Muito do texto explicita que o ódio da personagem para com o casal era em função de inveja.

Conforme podemos ver, tanto nos depoimentos²⁰ do próprio autor da obra, bem como em editoriais²¹ posteriores a mesma, as pesquisas de opinião encomendas pela emissora na época para saber qual era a recepção do público quanto as duas e seu tomance, a resposta que tiveram foi que o público aceitava o desenvolvimento da relação homoafetiva entre as personagens, desde que carícias ou beijos não fossem trocados entre elas. Tínhamos aqui uma novela que criticava a homofobia sendo influenciada por ela.

Devido à resposta que o público dera, Manuel Carlos teve de usar artifícios para poder ter um *beijo gay* em sua novela. No capítulo final, em um recurso metalinguístico de uma “obra dentro de outra obra”, Manuel Carlos coloca as duas personagens em uma encenação da peça “Romeu e Julieta” de William Shakespeare, onde Clara, interpretando Julieta e Rafaela, interpretando Romeu, trocam um discreto e rápido selinho (se é que podemos chamar assim, pois os lábios de uma atriz toca a pele abaixo dos lábios da outra e não sua boca), minutos antes de Julieta se matar para juntar-se a seu amado.

A questão da representação da homossexualidade era um assunto tão sensível à época que deveria ser apresentado nos moldes heteronormativos para poder ir ao ar. A atriz Alinne Moraes relata²² que sua apreensão foi tamanha para o último capítulo que ela chegou a ter certeza que a cena não iria ao ar.

A forma leve e delicada como fora tratado o amor homoafetivo nesta produção foi diferente do que normalmente víamos. As personagens têm todo o desenvolvimento e espaço de trama que casais heterossexuais têm em novelas, o que as diferencia é o fato de que autor e emissora optaram por omitir as questões íntimas do casal, o que não acontecia com os casais

20 “Memória Globo” e “Orgulho Além da Tela”.

21 Daniel Castro, “Notícias da TV”.

22 Documentário “Orgulho Além da Tela”.

heterossexuais da mesma trama. “Mulheres Apaixonadas” entregou a emissora e os índices de audiência foram satisfatórios, tal com a obra que veio da sequência, ainda em 2003 entra no ar “Celebridade”.

Escrita por Gilberto Braga, a trama de “Celebridade” era inspirada no clássico do cinema de 1950 “A Malvada” e contava a história de Maria Clara Diniz (Malu Mader) uma celebridade que vê sua vida virada do avesso quando entra em sua vida Laura (Cláudia Abreu), aparentemente uma doce mulher com o passar da trama se mostra uma prestativa *fã número 1* de Maria Clara, até ser descoberta como uma vilã revanchista que quer destruir a vida de Maria Clara por achar que tudo o que Maria Clara tem deveria ser seu devido a uma tragédia do passado.

Polêmica desde o começo, a trama utilizava uma linguagem popular e foi a primeira novela a levar ao horário nobre peitos femininos desnudos, sendo estes o da atriz Juliana Paes, objetificada pela mídia na época como *sex symbol*. Podemos ver que temas sensíveis ao público não eram, necessariamente, um problema para o autor ao conduzir sua obra.

A trama conta com a pequena e passageira participação da atriz Renata Sorrah no papel de Dora, uma rica empresária que é usada nos planos de Laura para atingir Maria Clara, afora essa pequena participação, não houve nenhuma menção da novela a respeito da homossexualidade, apenas o sexo era usado pela vilã bissexual Laura com um meio para atingir seus fins. A personagem homossexual não tem sua sexualidade explorada na trama, até mesmo por ser uma personagem de pouco impacto na trama.

Após “Celebridade” entra no ar, sob autoria de Aguinaldo Silva, “Senhora do Destino”, uma trama que volta a utilizar como recurso narrativo a homossexualidade em um ambiente de contravenção penal. Uma das mais marcantes tramas do horário da Globo, temos Maria do Carmo (Susana Vieira) buscando reencontrar sua filha que lhe foi roubada anos antes, agora que ela é uma rica empresária do ramo da construção civil que usa seus recursos financeiros para tentar localizar a sequestradora, bem como sua filha, quem ela nunca perdeu a esperança de reentrar.

Maria do Carmo vive um triângulo amoroso²³ cuja uma das pontas é Giovanni Improtta (José Wilker), um ex-bicheiro que fez fortuna e mantém um relacionamento problemático com uma personagem muito mais jovem do que ele, porém diz que ama Maria

23 No caso das telenovelas, o costuma entender-se por *Triângulo Amoroso* um recurso narrativo que consiste em três personagens que tenham interesses românticos entre si que não são mutuamente correspondidos, por exemplo personagem A que ama personagem B, porém este não ama personagem A e ama personagem C, o que gera conflitos entre os personagens.

do Carmo em contra ponto de Dirceu (José Mayer), a outra ponta do triângulo que é um jornalista progressista.

Giovanni tem uma filha, a jovem Jennifer (Bárbara Borges) de ares virginais que está descobrindo uma paixão por sua amiga próxima Eleonora (Mylla Christie) uma jovem médica. O sentimento é mostrado como um conflito interno vivido pelas personagens.

Há cenas onde ficam evidenciados momentos de carinho entre as personagens, com ambas deitadas nuas na cama enquanto conversam, por exemplo, indicando que havia feito sexo e que as duas tinham grande intimidade entre si. Há cenas em que Jennifer se questiona, cenas em que ela se abre com Eleonora e fica assustada ao perceber que esta já entende o que sente por Jennifer e tem esperanças de que seja recíproco. A trama das duas foi levada até o fim da novela.

Após o sucesso de “Senhora do Destino” entraria no ar “América”. Com texto de Glória Perez, “América” foi ao ar em 2005 e contava a trajetória de Sol (Deborah Secco), mulher pobre do interior da fictícia cidade de Boiadeiros (no interior de São Paulo), cujo maior sonho é conseguir entrar no Estados Unidos da América para buscar seu *american dream*, sem se importar com o preço de abrir mão de tudo para começar uma vida como imigrante ilegal no EUA.

A cidade de Boiadeiros gira em torno dos rodeios *country* e é onde viva a viúva latifundiária Neuta (Eliane Giardini), mãe do jovem Júnior (Bruno Gagliasso).

Júnior (Bruno Gagliasso), o filho único da viúva Neuta (Eliane Giardini), é um homossexual não assumido. Foi criado para ser um grande fazendeiro e um homem valente como o pai, o falecido Sinval, de quem Neuta sempre se gabou. Júnior retorna a sua casa após anos de estudo na cidade, mas não se interessa pelas atividades rurais. O que ele gostaria mesmo é de ser estilista, porém não consegue dizer isso à mãe. (MEMÓRIA GLOBO, 2021)

Historicamente, um dos esteriótipos que a sociedade emprega aos homossexuais são as profissões de estilista e cabeleireiro. Podemos notar que a escritora usa como recurso narrativo do senso comum para apontar a sexualidade do personagem e acompanhamos ao desenrolar da trama, o desenvolvimento do personagem, deixando claro sua sexualidade sem o uso das palavras “*gay*” ou “homossexual”.

Ele, que já sentia certa atração por Tião (Murilo Benício), apaixona-se mesmo por Zeca (Erom Cordeiro), peão contratado por Neuta para cuidar dos bois da fazenda. Só que Júnior tem dúvidas quanto aos seus sentimentos e reluta em declarar esse amor. Cada vez mais desconfiada da relação do filho com o empregado, Neuta demite o peão, o que acaba levando Júnior a assumir sua paixão. Antes disso, outra verdade vem à tona: o Sinval exemplar, de quem a viúva tanto dizia se orgulhar, na verdade era um cafajeste, jogador e bebedor, que não quis saber do filho. (MEMÓRIA GLOBO, 2021)

Conforme vemos em entrevistas no documentário “Orgulho Além da Tela”, a autora Glória Perez alega que sua intenção era mostrar que o sentimento do amor e o encantamento por outra pessoa é uma questão que transcende o gênero, ela diz que queria que o público visse como o amor é um sentimento que não tem gênero.

A audiência da novela foi satisfatória e o último capítulo foi muito comentado e assistido em todo o país, muito em decorrência de toda a expectativa que vinha se criando, de forma orgânica, em torno da novela. Diferente do caso de “Torre de Babel”, com “América” a especulação midiática em torno da obra não foi prejudicial, mas sim criaram um ar de “*agora vai?*” nos espectadores a tal ponto que o capítulo final chegou a registrar picos de 66 pontos de audiência²⁴.

Nos foi apresentado ao decorrer da trama toda a história de envolvimento e encantamento dos personagens que lutavam contra os sentimentos de culpa que vinha junto a suas sexualidades e, tal como o público esperava, o *beijo gay* foi gravado. Segundo nos relata a autora, foi preciso regravar a cena 7 vezes até chegarem ao ponto como queria que ela fosse apresentada.

Quando o capítulo final da novela foi ar, Glória Perez, assim como os atores Erom Cordeiro e Bruno Gagliasso foram pegos de surpresa ao ver que no corte final que foi ao ar o beijo havia sido cortado.

Glória nos relata que a copula da emissora se reuniu para assistir todos os beijos planejados para serem exibidos e votaram, um a um, se concordavam que os beijos fossem ou não ao ar e esta reunião teria levado a exclusão do beijo *gay* e apenas este fora vetado.

A cena que foi ao ar no corte final é composta pelos atores se encarando enquanto lentamente aproximam seus rostos em intenção de um beijo e então a cena corta. Conforme nos relata o ator Erom Cordeiro também no documentário *Orgulho além da tela*, a cena imaginada tinha aproximadamente 10 segundos a mais do que a exibida, apenas com o toque de lábios entre os personagens. Ainda no mesmo documentário a Globo que faz um *mea-culpa* permitindo que sejam feitas denúncias sobre alguns dos desserviços prestados e alega que o material que não é exibido não é mantido em acervo, logo as imagens do beijo *gay* não existem mais em registro.

O beijo não exibido reverberou na sociedade:

Cerca de 300 gays e lésbicas estenderam bandeiras gigantes com as cores do arco-íris em frente ao Congresso Nacional. Eles participam do 12º Encontro de Gays, Lésbicas e Transgêneros, que vai de hoje (8) até sexta-feira (11) na Câmara dos Deputados. Os manifestantes pedem o fim do preconceito e a legalização do casamento homossexual. Além de estender as bandeiras, os homossexuais trocam beijos apaixonados no gramado do Congresso. Um dos coordenadores do movimento, Marcos Paulo, diz que a manifestação – que ganhou o apelido de “beijaço” – é uma forma de protesto pelo fato de a novela América, da Rede Globo,

24 Documentário “Orgulho Além da Tela”.

não ter transmitido o beijo entre dois personagens homossexuais que tinham destaque em sua trama. (INFORME SERGIPE– SE: 08/11/2005)

Na sequência de “América” veio “Belíssima”. Obra escrita por Sílvio de Abreu, a novela girava em torno da empresa *Belíssima* uma conceituada empresa de roupas íntimas que era o palco de disputa Júlia (Glória Pires), honesta mulher de negócios que herdou a empresa fundada por sua mãe, a falecida Stella e Bia Falcão (Fernanda Montenegro), sua inescrupulosa avó, mãe de Stella, que acha que os fins justificam os meios.

Não há nenhum personagem abertamente homossexual na trama, porém o autor (lembre-se, este era o mesmo que havia escrito “Torre de Babel”) trabalhou com um texto muito sugestivo. Sem usar explicitamente termos que indicassem a homossexualidade, era possível ser lido nas entrelinhas que haviam três personagens homossexuais na obra.

Um deles era Gigi (Pedro Paulo Rangel), tio de Júlia que tem uma relação complexa de crítica e apoio aos delírios da vilã da trama, ainda que seja uma pessoa da confiança de Júlia, um personagem dúbio, o que podemos notar até por sua descrição no “Memória Globo” como “[...] um solteirão apaixonado por cinema. Sempre foi maltratado por Bia (Fernanda Montenegro), e é um dos suspeitos de seu assassinato.”. Parte integrante do núcleo cômico da novela, Gigi transita entre as ex-vedetes que há na trama. Sua sexualidade não é mencionada durante a trama.

As outras duas personagens eram Rebeca (Carolina Ferras) e Karen (Mônica Torres). Ambas bissexuais, que embora terminem a com a sugestão de que estavam em um relacionamento, em determinada parte da trama ambas tem interesses heteroafetivos. As matérias de jornais da época acerca da novela tratam as personagens como “possível casal lésbico”.

Em 2006 entra no ar “Páginas da Vida”, mais uma das histórias *bossa-nova* das Helenas sofredoras do Leblon de Manuel Carlos. Desta vez a Helena (Regina Duarte) é uma médica que adota uma criança autista depois que a mãe da criança morreu no parto e sua avó a rejeitou.

Manoel Carlos sempre teve na sutileza seu traço mais marcante enquanto autor, todavia, aqui podemos notar um avanço significativo neste quesito em um ponto específico. Diferente da obra anterior que apenas sugere, aqui é claro que há um casal homossexual, o médico Rubinho (Fernando Eiros) e o professor Marcelo (Thiago Picci), porém ambos são muito discretos e fazem parte daquele grupo já anteriormente mencionado que são os casais que não se tocam.

Há na obra exposições de episódios de homofobia, principalmente pelo personagem do professor pelo fato de ele trabalhar em um colégio de freiras. Praticamente irrelevantes para a trama central da novela, pois Manuel Carlos costuma usar uma quantidade muito grande de

personagens em suas tramas, há personagens, como é o caso aqui, que conseguem desenvolver sua história na trama completamente paralela à trama central, bem como fora a trama na sequência de “Páginas da Vida”.

Tendo sua exibição começado em 2007, “Paraíso Tropical” seguia a história de Paula e Taís (Alessandra Negrini) numa clássica trama de “gêmea boa X gêmea má”: a inescrupulosa Taís que não media esforços em sua ambição pela riqueza contra Paula, mulher honesta e solícita.

Tal como na novela que a precedeu, “Paraíso Tropical” também tinha um casal que não se tocava. Rodrigo (Carlos Casagrande) e Tiago (Sérgio Abreu) eram dois homens completamente dentro dos padrões de beleza da sociedade da época e que em praticamente todas as suas (poucas) cenas estava na praia jogando futevôlei descamisados. Embora houvessem cenas do casal dentro do quarto, o que é raro quando se trata de casais homossexuais, tais cenas geralmente eram compostas pelos dois atores sentados distantes um do outro na imensa cama do casal. Mais um exemplo de casal “discreto”: aquele *gay* a quem lhe é permitida a existência, pois não gera visibilidade/incomodo.

Conforme os autores da obra (Gilberto Braga e Ricardo Linhares, colaboradores de longa data e ambos homossexuais) relatam²⁵ a intenção era mostrar casais homossexuais como parte integrante de forma naturalizada da sociedade, Linhares ainda vai além e afirma que o público não se incomodava com os *gays* na novela, porém que não queria ver sua intimidade, algo que a tempo já era notado pelos autores de novelas. Aqui podemos encontrar um questionamento, no mínimo, interessante: se os *gays* não incomodam, porque ninguém quer vê-los? Uma das hipocrisias mais usadas para mascarar a homofobia até os dias de hoje, quando em plenos 2022 temos um presidente da república que afirma que “não tem nada contra *gays*, mas se vê-los se beijando na rua irá agredi-los” como o mesmo já disse mais de uma vez em entrevistas.

Uma menção válida a ambas obras que vieram na sequência tiveram personagens bissexuais. Tanto “Duas Caras” de 2007 escrita por Aguinaldo Silva e “A Favorita” de 2009 escrita por João Emanuel Carneiro foram criticadas pelo público na época pelo modo como configuram os relacionamentos.

Em “Duas Caras” há Bernardinho (Thiago Gonçalves) que é bissexual e, ao longo da trama envolve-se com uma mulher e dois homens, terminando com um deles ao fim da novela. Bernardinho era a caricatura do homossexual: afeminado, engraçado e trabalhava próximo ao ramo da arte.

As críticas vieram quando ele começa a se envolver com uma personagem mulher na trama, tendo em vista que as imagens ainda são muito predominantes na mente do brasileiro

25 Documentário “Orgulho Além da Tela”.

conservador: como pode um “homenzinho” engravidar uma mulher? Ao ponto que pelo lado do público mais liberal a crítica era “mas se ele é gay, como se envolveu com uma mulher?”, o que nos gera outras questões muito pertinentes a serem analisadas, tais como a invisibilidade da bissexualidade em nossa sociedade, sabendo que, à época, não tínhamos a compreensão de conceitos que construímos hoje (como pansexuais²⁶, por exemplo), todavia a de se notar que o conceito de bissexual já existia.

A escolha dos atores também nos ajuda a compreender qual era a intenção da emissora com aquela representação. Ao final da trama, Bernardinho fica com Carlão (Lugui Palhares). Notamos que Bernardinho, que já tem o diminutivo em seu nome, é delicado, baixo e fala *manso*, ao ponto que Carlão, cujo aumentativo lhe sucede, é um homem alto, forte e viril, juntos foram uma imagem de “príncipe encantado e princesa em perigo” que constantemente vemos em obras da Disney, por exemplo. A cena final dos dois exemplifica bem isso, pois quando os dois assinam a documentação de sua união estável Carlão está de terno preto sóbrio e sem adereços enquanto Bernardinho usa vestido branco e grinalda.

Já em “A Favorita” de 2009 escrita por João Emanuel Carneiro temos Orlandinho (Iran Malfitano), um homem de cabelos compridos e falar doce, cujo pai desconfia ser homossexual então contrata Sol (Deborah Secco) para seduzir o filho. Ao fim da novela, mesmo sabendo que Sol o enganou, eles ficam juntos. Muito criticada à época, essa configuração problemática de bissexualidade seria abordada, praticamente da mesma forma, nas futuras obras do autor “Avenida Brasil”, de 2012, “A Regra do Jogo” de 2015 e “Segundo Sol” de 2018.

Ainda em “A Favorita” há uma subtrama de Stela (Paula Burlamaqui) dona de um bar em um núcleo pobre da novela que é lésbica, e dá apoio a Catarina (Lília Cabral) que está em um relacionamento abusivo com seu marido. Houve especulação na época que ambas teriam um relacionamento ao decorrer da trama, conforme Stela fosse incentivando Catarina ao divórcio. De fato, Stela apoiava Catarina na decisão de se divorciar do marido que lhe batia e, ao que dava a entender o subtexto da trama, havia estuprado uma das filhas do casal que estava grávida em decorrência do crime. Porém, há de se notar que o apoio de uma personagem a outra vem muito mais de um local de sororidade²⁷ do que de interesse romântico. Ao fim da trama, Stela segue solteira e as duas seguem grandes amigas.

26 Pansexual é o indivíduo que se sente atração para além do binário (homem e mulher), podendo sentir-se atraído e envolver-se sexual ou emocionalmente com homens, mulheres, transexuais, intersexuais, etc...

27 União entre mulheres, baseada na empatia e no companheirismo, em busca de alcançar objetivos e avanços comuns e/ou afins. O conceito da sororidade está muito presente no feminismo atualmente e a possível origem da palavra sororidade está no latim *sóror*, que significa “irmãs”, ante o prefixo *frater*, que quer dizer “irmão”, sendo assim a versão feminina da fraternidade.

2.3 REPRESENTAÇÕES DA HOMOSSEXUALIDADE NO HORÁRIO NOBRE DA GLOBO DE 2010 À 2019: O BEIJO, O AFETO E O RETROCESSO NO HORÁRIO NOBRE.

Em 2010 a *novela das 8h* que entrava no ar era “Passione”. Trama de Silvio de Abreu que partia de Bete Gouveia (Fernanda Montenegro) que descobre, no leito de morte de seu marido, que seu filho, dado como morto anos atrás, está vivo.

Stela (Maitê Proença), nora de Bete, tem um mordomo, o dedicado Arthurzinho (Júlio Andrade), que trabalha em sua casa. A década de 2010 começa com uma única representação da homossexualidade no horário nobre reduzido a um personagem cuja única função na trama era servir e mimar sua patroa burguesa, branca e loira. Sua sexualidade não é discutida em momento algum da trama, porém isso mudaria com a próxima novela que viria ao ar.

Iniciada em 2011, “Insensato Coração” foi escrita por Gilberto Braga e Ricardo Linhares, essa foi a novela que, até a presente data, detém a marca de maior número de personagens homossexuais da história da TV brasileira!

Trazendo mudanças em vários sentidos (está foi a primeira novela a oficialmente mudar a faixa das 20h para a atual faixa das 21h), também o fez no campo da representação da homossexualidade. Embora os autores ainda seguissem a linha narrativa de não demonstrar toques e intimidades entre os personagens gays, esses agora estavam em todos os núcleos da novela.

A novela girava em torno de dois contrastantes romances: o amor “impossível” entre Marina (Paolla Oliveira) e Pedro (Eriberto Leão) e a obsessão de Norma (Glória Pires) por Léo (Gabriel Braga Nunes), sociopata irmão de Pedro que foi responsável pela prisão de Norma no passado, que presa em uma emboscada organizada pelo próprio Léo para se livrar de um crime que havia cometido.

Na trama haviam um núcleo de um bar a beira da praia que tinha uma decoração colorida, com bandeiras de arco-íris por toda parte, o que atraía os homossexuais que frequentavam a região por acreditarem ser um local destinado a este público.

A dona do bar é Sueli (Louise Cardoso), uma mãe solo que em algum momento da trama tem contato com todos os homossexuais da novela, ela seria o ponto em comum entre eles, exceção é Araci (Cristiana Oliveira), colega de prisão de Norma que atormenta a vida desta. Araci é uma mulher lésbica que usa roupas em cores sóbrias e cabelo sempre presos, além do corpo coberto por tatuagens, compunha uma imagem masculinizada do ponto de vista

dos signos que a sociedade aplica ao feminino e masculino. Ela impõem-se como uma figura de temida dentro do presídio por ser uma das mais violentas dentre as encarceradas.

Um dos *gays* com maior participação da novela era Roni (Leonardo Miggiolin), um promotor de eventos, além de assistente e amigo de Natalie Lamour (Deborah Secco), a personagem *subcelebridade* cômica da trama. Roni era caricato e em locais que houvesse muita gente ele emulava uma masculinidade exacerbada a fim de que não questionassem sua sexualidade. O que se propunha discutir com esse personagem como a sexualidade das pessoas pode ser um empecilho no mundo do trabalho em nossa sociedade.

Sueli a certo ponto da trama passa a ser chamada de “Rainha dos Gays” pelos frequentadores da praia e dentre essas estão Eduardo (Rodrigo Andrade), Hugo (Marcos Domingo), e os funcionários do bar Xicão (Wendell Bendelack) e Gilvan (Miguel Roncato).

Eduardo cursa direito em uma instituição de ensino superior particular, instituição esta onde começa a ter aulas com Hugo, professor que, por sua vez, começa a frequentar o bar de Sueli cada vez mais quando descobre que Eduardo é filho da dona. Esta trama discute a descoberta da sexualidade. Eduardo começa a trama se entendendo como heterossexual e conforme seu romance começa a florescer, acompanhamos o processo de aceitação dele, já Hugo, um homem mais velho e com maior nível de instrução que Eduardo já é ciente acerca de sua sexualidade e aceita, ajuda Eduardo a passar pelo processo que ele já havia atravessado, o da aceitação, processo este que é longo e passa pela negação de Eduardo, pela tentativa de manter distância de Hugo e a homofobia inicial de Sueli, quando ela descobre que “*eu aceito, mas com meu filho é diferente*” como nas palavras da própria em determinado episódio.

Já Xicão tem um tom mais caricato, fala abertamente sobre sua sexualidade, sobre seus gostos e tem todos os esteriótipos do *gay sempre alegre*, até o dia em que ele descobre que sua amiga e apoiadora Sueli não aceita o filho *gay*, então ele pede as contas e vai embora triste com Sueli, ao ponto que entra na trama Gilvan, jovem fugiu de casa por ser constantemente agredido física e psicologicamente por seus familiares por ser homossexual.

Fora da trama a sociedade civil já discutia a criminalização na homofobia que atingia números crescentes de denúncias, o que refletiria na novela. Os autores Ricardo Linhares e Gilberto Braga, como já mencionado, são abertamente homossexuais, logo passa por uma questão subjetiva o abordar ou não a homofobia na trama, coisa que estes optaram por fazer.

A um ponto mais avançado da novela, é introduzida na trama um grupo de *pit boys* que ataca e agride homossexuais na rua a noite, Roni e Xicão são atacados por este grupo,

porém conseguem sobreviver, mas Gilvan é atacado e é espancado até a morte em uma noite que ficou até mais tarde no “*bar dos gays*”. Na manhã seguinte Sueli encontra Gilvan morto e isso faz com que ela repense suas atitudes e assim chegando a compreensão do quão danosa a homofobia é.

As discussões da homofobia evoluíram muito nesta trama, veja, as mais diversas formas de homofobia foram denunciadas na trama, mesmo sem ter sido necessário que houvesse um beijo. Agora fica o questionamento: até onde podem os *gays* existir sem se expressarem abertamente para não incomodar a sociedade?

Outro personagem digno de nota para esta pesquisa é Cléber (Cássio Gabus Mendes), um jornalista com tendências progressistas que escrevia muito sobre política. Denunciava a corrupção que havia na trama (em especial no personagem do banqueiro Horácio Cortez, interpretado por Herson Capri) e era sexista e homofóbico, chegando a agredir, verbalmente, seu editor-chefe no jornal por achar que este era homossexual.

A intenção era discutir a questão do apoio da sociedade civil aos homossexuais. A certo ponto, ele fica sabendo do assassinato de Gilvan e por ficar chocado ao entender o que de fato é a homofobia e suas consequências, ele parte junto com Sueli em busca de punição na justiça. Uma linha narrativa que apela para redenção dos personagens por meio de suas atitudes repensadas.

Embora uma novela marcante na questão da visibilidade, “*Insensato Coração*” não foi um sucesso de audiência e pouco é lembrada hoje em dia, todavia, também não fora rejeitada pelo público, pois a audiência ficou dentro dos padrões exigidos pela emissora e a trama de Norma e Léo ainda é comentada pelo público que consome as produções do gênero.

A novela que veio na sequência foi “*Fina Estampa*”. Esta seria uma das mais consumidas pelo público durante o período de 2000 a 2010, tendo a marca de uma média de 39 pontos de audiência²⁸, o que lhe garante a maior audiência da década em questão.

“*Fina Estampa*” é um dos casos mais interessantes que temos na história da teledramaturgia. Uma obra tão efêmera quanto sua descrição no Memória Globo: “*Dois mulheres completamente diferentes protagonizam a trama de Aguinaldo Silva: uma preza pela família e pelo caráter; a outra vive de aparência. Em torno dessa dualidade gira a discussão central de Fina Estampa.*” (2021). Por algum motivo a trabalhadora e durona Griselda (Lília Cabral) e a milionária homicida Teresa Cristina (Christiane Torloni) se odeiam

²⁸ Índice de audiência satisfatório para a época, tendo em vista que a meta das audiências foi diminuindo gradativamente ao longo dos anos, principalmente com o advento da internet e do fortalecimento dos serviços de *streaming*.

e dedicam meses de sua vida uma tentando afetar a vida da outra da forma que for possível, um jogo de “gato e rato” baseado em rivalidade feminina.

Criou-se muita especulação midiática a época com o autor da novela dando entrevistas dizendo que traria a renomada atriz Meryl Streep, indicada a 21 *Oscars* (e contando), para uma ponta em sua novela, além de o próprio ser um autor renomado de sucessos passados como “Senhora do Destino” e “Tieta”.

A serviço da vilã da trama (Teresa Cristina) temos Clodoaldo Valério (Marcello Serrado). Deixemos que a própria Rede Globo o descreva:

CRODOALDO VALÉRIO, O CRÔ (Marcelo Serrado) - Mordomo e fiel escudeiro de Tereza Cristina (Christiane Torloni), a quem idolatra. É um empregado subserviente e dedicado, apesar de, muitas vezes, dizer que não a tolera. No fundo gostaria de ser a patroa, que o ajuda com a mensalidade da faculdade da sobrinha Vanessa (Milena Toscano). Nada discreto no visual, mantém um secreto caso amoroso – mistério que permanece até o final da novela. Quando Tereza Cristina desaparece no mar, herda 50% de seus bens. (MEMÓRIA GLOBO, 2022)

Crô era cúmplice da vilã da trama e nada fazia acerca dos assédios morais e físicos que sofria de todos os personagens a sua volta na trama. Sua participação na novela estava reduzida a ser o “capacho” que Teresa Cristina pisava, mas também surge um questionamento na época que aparecia pela primeira vez: por que um homem heterossexual e cisgênero pode interpretar um homossexual de forma tão caricata no horário nobre?

Pela primeira vez, ao mesmo em grande escala, a sociedade questionou a visibilidade dada ao personagem homossexual. Marcello Serrado é um ator heterossexual que interpretou um dos *gays* mais estereotipados da TV, então surgiu um questionamento que até os dias de hoje é muito presente (muito por conta da internet e das redes sociais) que é: É importante termos personagens LGBTQIAP+ na teledramaturgia, porém, não seria melhor que eles fossem interpretados por membros da comunidade LGBTQIAP+?

Na trama também há duas personagens que foram construídas para que fossem lidas como homossexuais, são elas Íris (Eva Wilma) e Alice (Thaís de Campos), a tia mau caráter de Teresa Cristina e sua amiga/secretária (a relação entre elas nunca foi plenamente descrita), respectivamente. A trama delas resume-se a chantagear Teresa Cristina depois de descobrirem um segredo por essa escondido para conseguirem dinheiro para sair do país novamente, segredo este que no fim descobre-se ter sido uma mentira inventada pela própria Íris em um *plot twist*²⁹ mal explicado.

Embora “Fina Estampa” tenha sido um sucesso absoluto de audiência em sua exibição original, quando de sua reexibição em 2020, que se deu em decorrência das gravações de

²⁹ *Plot twist* é o termo usado para reviravoltas na trama que mudam os rumos da mesma, levando-a para um rumo inesperado ou diferente do que vinha sendo construído até então.

novelas inéditas da Globo estarem suspensas por força da pandemia do COVID-19, a audiência foi abaixo do esperado e o personagem Crô foi mais criticado do que nunca, em especial na internet. O personagem que, a sua época de exibição original, havia atingido um sucesso tão grande com o público (a ponto de lhe garantir dois filmes após o fim da novela com o personagem com protagonista) não conseguira repetir o feito anos mais tarde.

Há de se notar que as descrições dos personagens no site Memória Globo, que foram alteradas em 2022, Alice agora é descrita como “companheira de Íris (Eva Wilma), com quem retorna ao Brasil”. Vemos que as discussões atuais estão sendo refletidas nas obras antigas, podemos notar que os textos que outrora foram permitidos, neste momento estão sendo questionados com mais veemência.

Devemos agora abrir um parêntese. Entre 2011 e 2012 foi ao ar no SBT, emissora brasileira concorrente da Globo, uma novela polêmica. Ambientada na ditadura militar e com o título de “Amor e Revolução”, a obra escrita por Tiago Santiago (que já havia sido colaborador da Globo) contava a história de amor “impossível” entre Maria Paixão (Graziella Schimitt) e José Roberto Guerra (Cláudio Lins), ela uma militante de esquerda e ele um major.

O que nos interessa analisar neste caso é que, o SBT, concorrente da Globo e que não tinha representação LGBTQIAP+ nenhuma em suas novelas, leva ao ar o que fora erroneamente chamado na época de “o primeiro beijo *gay* das novelas”. Na trama, as personagens Marina (Giselle Trigre) e Marcela (Luciana Vendramini) são amigas que se envolvem amorosamente a certo ponto da trama e ocorre o beijo, beijo este que fora vetado pela emissora em sua primeira tentativa de ser gravado³⁰. Tal como noticiado na época, a novela também teve problemas com os militares que a criticaram pela exposição das violências cometidas pelo regime na época.

A audiência fora baixa, até mesmo em função do horário que a novela era exibida (a partir das 22h30) e vale ainda mencionar que foi a última novela produzida destinada ao público adulto da emissora em questão que, a partir de 2012, dedica seu horário nobre a novelas infantis, tais como “Carrossel” e “Chiquititas”.

Voltando à Rede Globo, em 2013 entra no ar a novela “Amor à Vida”. Escrita por Waleyr Carrasco onde acompanhamos a história de Paloma (Paolla Oliveira), jovem médica herdeira de um grande hospital que pertence a seu pai, cuja filha é jogada em uma caçamba de lixo por seu invejoso irmão Félix (Mateus Solano), que também trabalha no hospital da família, claramente este, o vilão da trama.

30 Nilson Xavier, “Teledramaturgia”.

Félix, um dos personagens homossexuais mais icônicos da TV brasileira que ainda é muito presente na memória coletiva, foi interpretado por um ator heterossexual. Até hoje ele é o elemento mais reconhecível da trama, tanto que a descrição desta no Memória Globo resume-se a “Segredos, romances e intrigas movimentaram a novela, que inovou ao apresentar um vilão homossexual que se redime das maldades ao longo da história.” (2021).

A novela tratou de vários assuntos ao mesmo que foi criticada por lidar com todos eles de maneira problemática, beirando o bizarro, tais como a violência doméstica que se “convertia” em sadomasoquismo pelo puro fator do choque que isso causaria no público e não acrescentando em nada na trama, relacionamentos abusivos que eram romantizados, a ética na medicina que simplesmente não existia no hospital da trama e a homofobia que era motivo de chacota, dentre outros tantos.

Temos Félix que vive um relacionamento de fachada com uma mulher que sabe que o marido é homossexual, pois esta fora contratada para exercer a função de noiva pelo pai de Félix, o homofóbico César (Antônio Fagundes), de quem ela havia sido seu amante no passado quando se prostituía. César, mesmo sendo médico, recusa-se a aceitar a orientação sexual do filho e apostava em uma “cura gay”, o que é explicitado pelo próprio em uma das cenas mais antológicas da novela quando Paloma descobre que sua filha está viva e o crime que o irmão cometeu no passado.

Como dito, Félix é o vilão da trama e o que o move é a inveja que sente por sua irmã. A certo ponto da novela, quando o seu crime é descoberto, ele é expulso de casa e perde acesso a todos os privilégios que o dinheiro de sua família o proporcionava, pois este agora fora renegado pelo pai, Félix começa a dita “redenção” do personagem, ele passa por uma situação de pobreza onde começa a vender cachorros-quentes em uma van na região central da cidade. Basicamente, o “castigo” do vilão é ter que aprender a viver como a maior parte da população brasileira (trabalho exaustivo, péssima remuneração), o que nos ajuda a entender muito acerca da noção que a emissora tem a respeito de vários assuntos da sociedade brasileira...

César, um homem preso as aparências, se envolve na trama com sua secretária, a ambiciosa Aline (Vanessa Giácomo), esta influencia e trama para que ele se distancie de toda a sua família e começa a envenená-lo em pequenas doses diárias de um medicamento cujo efeito colateral era provocar cegueira em César. Com o marido cego, Aline coloca seu amante para morar dentro da mesma casa que eles. Quem descobre todo esse quadro e parte para o resgate do pai homofóbico é o filho homossexual.

No último capítulo da novela vemos Félix casado com o sensível e delicado Niko (Thiago Fragoso), cujo apelido era “Carneirinho”, trocando um beijo apaixonado em frente a mansão que moram e comemorando terem conseguido adotar uma criança. A este respeito o autor chegou a mencionar que esse assunto estava, a seu ver, muito presente na sociedade atual e ele queria retratá-lo em sua obra, afinal a adoção homoafetiva já era reconhecida pela lei brasileira desde 2010, ao ponto que a união estável desde 2011. A discussão colaboraria de certa forma para a adoção homoafetiva que seria reconhecida em 2015.

O beijo foi um movimento de visibilidade sem precedentes. Foi a primeira vez que uma novela do maior veículo de teledramaturgia do país e uma das 4 maiores redes de televisão do mundo estava mostrando um beijo homoafetivo de forma clara e sem subtextos, eram dois homens cisgênero se beijando. Estamos em 2014, a esta altura, a Rede Globo já produzia novelas a aproximadamente 50 anos e entre a primeira telenovela da emissora (“O Ébrio”, 1965) e “Amor à Vida” haviam sido exibidas aproximadamente 80 obras. Devemos notar que, caráter do personagem a parte, era um beijo *gay* no horário nobre da Globo. Não o primeiro de um horário nobre, mas o mais estrondoso até então.

O horário atingiu uma média boa de audiência e na sequência viria “Em Família”, a última novela escrita por Manuel Carlos. A última Helena seria Julia Lemmertz, uma mulher que precisa lidar com o fato de sua filha se apaixonando pelo homem que no passado arruinou sua vida e quase matou o pai da moça, atual marido de Helena, que ainda precisa lidar com o fato de saber que seu algoz do passado só está obcecado por sua filha, pois a moça é idêntica a mãe no passado (inclusive interpretadas pela mesma atriz).

A novela estava coberta de expectativa tanto por ser a última obra escrita por Manuel Carlos que anunciou sua aposentadoria depois da obra quando pelo fato de que a Helena da vez seria interpretada pela filha da atriz que interpretou a primeira Helena de Manuel Carlos, seria o fim de um ciclo e a trama foi um desastre. Até hoje é uma das piores audiência da história da emissora na faixa, porém houve uma história que fora bem recebida pelo público.

Clara (Giovanna Antonelli) tem em seu marido um grande amigo, porém sente que não o ama mais. Quando conhece a fotografa Marina (Tainá Müller) e ambas apaixonam-se uma pela outra. Como todos os romances da obra, ele fora escrito de uma forma paradoxal, quase como se o autor não quisesse que o público simpatizasse com seus personagens. Por exemplo, a filha da protagonista que se apaixona pelo homem que havia tentado matar seu pai.

Clara era casada com um homem honesto, pai dedicado e bom marido que era acometido por uma doença cardíaca que o colocava em perigo constantemente, logo, o

público tendeu a simpatizar mais com ele do que com a fotógrafa por quem ela se apaixonou, ao ponto que do outro lado temos Marina vivendo uma relação complexa com sua ex-namorada e funcionária no seu estúdio de fotografia, Vanessa (Maria Eduarda de Carvalho).

As novelas de Manoel Carlos obtinham cada vez menos audiência, mostrando que a *Fórmula Manêco* de classes ricas dos grandes centros do país estava ficando enferrujada. A este ponto, novelas como “Avenida Brasil”, que mostravam uma realidade completamente oposta ao Leblon de Manoel Carlos sendo sucesso de audiência. A linha narrativa adotada pelo autor que havia feito sucesso no passado já não agradava e vimos “Em Família” terminar com uma média geral de 29 pontos de audiência, muito aquém dos índices esperados, tanto para a faixa do horário quanto para a obra em si.

Muito criticada na época por seu texto confuso e seus personagens que pouco despertavam empatia, por ter atores com idades muitos disparem com as dos personagens que interpretavam e pela fórmula desgastada do autor, devemos notar que as personagens homossexuais foram aceitas e o romance entre elas foi desenvolvido em tela, uma tendência que vinha crescendo nas narrativas após o sucesso de “Amor à Vida”.

Vanessa era a “vilã” que movimentava a subtrama, pois não aceitava o fim do relacionamento e perturbava Clara e Marina e, para além da descoberta da sexualidade da mulher que se entendia como heterossexual e agora se sente atraída por uma mulher, temos a discussão da homofobia, em cenas, quando por exemplo, Marina e Clara estão jantando juntas em um restaurante e são hostilizadas.

Embora tenha sido, de fato, uma obra de erros, “Em Família” trouxe pela primeira vez ao horário nobre a reflexão acerca da mãe que se descobre homossexual. Clara é casada e tem um filho pequeno quando começa a se envolver com Marina e essa questão, do medo de uma possível rejeição por parte do filho, é tocada.

Outro fato que podemos entender como de aceitação por parte do público foram os beijos trocados pelas personagens. Diferente de “Amor à Vida” que teve apenas um beijo no último capítulo, “Em Família” teve mais beijos e ao longo de toda a trama. Ao final, Clara e Marina terminam juntas e com sua união estável reconhecida. Na questão da fisicalidade das personagens, neste obra, não encontramos nenhum dos trejeitos tipicamente empregados a personagens homossexuais.

Em nível de comparação de aceitação do público com as obras, temos “Amor à Vida” que teve um total de 221 capítulos, enquanto “Em Família” que veio na sequência esse número caiu para 143 capítulos. “Encurtar” a trama é um recurso usado quando a mesma não

dá indícios de aumentar a audiência e podemos notar que, desde 2014, esse movimento segue uma constante na faixa, haja visto que as novelas de hoje tem duração menor que suas antecessoras.

Evitando correr riscos na faixa, em especial após a retomada das gravações em 2021, a Rede Globo tem encurtado cada vez mais suas novelas do horário nobre. “Amor de Mãe” de 2019 (cujas gravações foram pausadas em decorrência da pandemia do COVID-19 e retomariam em 2021) teve 125 capítulos e a sua sucessora “Um Lugar ao Sol” de 2021 teve 119.

Seguindo “Em Família” temos “Império”, escrita por Aguinaldo Silva e que, até a presente data, é a última novela do horário da emissora e atingir 200 capítulos, totalizando 203.

A trama segue a vida do comendador José Alfredo (Alexandre Nero) que, após uma desilusão amorosa se casa com Maria Marta (Lília Cabral), umas das vilãs da obra e fundam a *Império* renomada rede de joalherias que é cobiçada por seus herdeiros.

Vemos na trama cinco personagens *gays*: Téo Pereira (Paulo Betti), Cláudio (José Mayer), Leonardo (Klebber Toledo), Felipe (Laércio Fonseca) e Etevaldo (André Gonçalves). Sendo os três primeiros os que tem maior destaque na trama.

Cláudio é um famoso cerimonialista que é casado com a ex-miss Brasil Beatriz (Suzy Rêgo), e o casamento é de fachada, pois ainda que não abertamente, Beatriz sabe que o marido é *gay*. Ele mantém um amante, ester interpretado por um jovem encaixado perfeitamente nos padrões de beleza ocidentais, Leonardo. O ponto central desta trama é que Cláudio tenta a todo custo esconder sua sexualidade, porém Cláudio é desafeto de longa data do jornalista Téo Pereira, um blogueiro de *mídia marrom* que invade a privacidade de Cláudio até conseguir uma foto dele com seu amante e joga na internet causando uma tormenta na vida do cerimonialista.

Téo tem problemáticas parecidas com as de Crô, sendo um ator *cis* e hétero interpretando um *gay* que compõem o núcleo cômico da trama, com direito a bordão. Encontramos aqui outra problematização a ser feita que de fato foi feita desde a exibição original da trama: A quem é interessante que os *gays* sejam retratados como maldosos e rivalizando entre si?

Téo publica em foto de Cláudio e Leonardo se beijando na rua e isso causa um tumulto na vida e na carreira de Cláudio que leva tanto ao fim de seu casamento com Beatriz quanto ao fim do relacionamento com Leonardo, o arco de Leonardo nesse momento se resume a ele

se ver em situação de rua por não conseguir arrumar empregos na área de atuação, que era seu sonho. Ao fim da trama, ele se reconcilia com Cláudio. Já os demais personagens citados têm participações tão pequenas na trama que sua sexualidade nem chega a ser abordada na mesma.

A mídia especializada na época chegou a alegar que foram escritos três beijos *gay* ao longo da trama, dos quais um teria sido vetado e os outros dois foram ao ar nas formas de uma aproximação das cabeças que dão a entender um beijo que foi feita do ponto de vista da nuca de um dos personagens (a tal foto vinculada por Téo, por exemplo) e um selinho no último capítulo, completamente diferente de sua antecessora “Em Família”, que teve mais trocas de delicadezas, incluindo beijos, homoafetivos entre personagens.

Houve na trama um personagem que gerou muita controvérsia, era Adalberto (Ailton Graça). A trama não aborda de forma clara, porém entende-se que Adalberto era um homem *cis* e hétero (pois, além de manter um relacionamento com uma personagem mulher *cis*, ele permitia que se referissem a ele no masculino ao decorrer da trama, algo que mulheres *trans* não adotam) mas adota o nome social feminino de Xana Summer e sua expressão de gênero é feminina ao decorrer da obra. Embora o termo não tenha sido diretamente empregado na trama, podemos entender Xana como um *crossdresser*³¹.

“Império” teve audiência satisfatória e a novela foi reconhecida internacionalmente com prêmios, a Globo tinha grandes expectativas com a novela que viria na sequência, então apostaram alto em “Babilônia”.

Escrita por Gilberto Braga, Ricardo Linhares e João Ximenes Braga, a trama traria grandes nomes no elenco, tais como Adriana Esteves no papel de Inês, fazendo novamente uma vilã na principal novela do horário nobre depois do fenômeno que foi Carminha de “Avenida Brasil”, Glória Pires, renomada atriz brasileira que também já havia interpretado icônicas vilãs como no papel de Beatriz, colaboradora de longa data de Gilberto Braga que já havia dado vida a icônica Maria de Fátima de “Vale Tudo” e as gêmeas Ruth e Raquel de “Mulheres de Areia” e estas duas interpretariam as vilãs que se confrontariam ao longo da trama, sendo a inveja de uma pela outra o que moveria a trama.

Beatriz era a personagem central da trama. Ela era filha de Estela, interpretada por Nathalia Timberg, elegante e rica dona de um antiquário que tem um relacionamento de anos com Teresa, Fernanda Montenegro, igualmente elegante e rica e esta é dona de um renomado escritório de advocacia muito atuante na questão dos direitos humanos.

31 Indivíduo que usa vestimentas e se expressa, socialmente, de maneira oposta a seu gênero, por exemplo um homem *cis* que se veste com vestido longos, uma vestimenta socialmente destinada a mulheres *cis*.

Casadas há anos, Estela e Teresa dão um beijo no primeiro episódio da trama, como nos relata³² Gilberto Braga, para que a cobrança pelo beijo *gay* já fosse tirada do caminho e que os autores pudessem desenvolver a trama como haviam planejado.

Tendo índices de audiência bons na primeira semana, o texto da novela começa a sofrer grandes alterações quando os índices de audiência começam a cair com o passar dos dias.

A novela foi reduzida em quase dois meses devido à baixa audiência. Acredita-se que houve uma evasão do público em função do demorado beijo de Teresa (Fernanda Montenegro) e Estela (Nathalia Timberg) na estreia da trama. Quase todos os núcleos sofreram mudanças na tentativa de reverter os números. Alice (Sophie Charlotte), por exemplo, seria prostituta e tornou-se uma boa moça casando-se com o empresário Evandro (Cássio Gabus Mendes). (MEMÓRIA GLOBO)

Ricardo Linhares também nos relata que as cenas de Teresa e Estela foram alteradas a tal ponto que ambas não apareceram mais no quarto durante toda a trama, mesmo que para diálogos banais, para que sua intimidade não fosse mais tocada.

Outra trama acerca de homossexuais foi apresentada em “Babilônia”, no núcleo pobre da trama onde o personagem Ivan (Marcelo Melo Jr.), homem *cis*, preto e periférico que sonha em viver do esporte. Envolve-se romanticamente com Sérgio (Cláudio Lins), homem de classe média alta que trabalha em numa grande empresa onde orbita a trama. Além de serem um casal inter-racial, a certo ponto da trama Ivan sofre um acidente que o deixa paraplégico, então a trama passa a ser mais sobre a condição social de Ivan que mora em uma habitação em uma área da cidade que não tem acessibilidade para sua condição.

Ricardo Linhares conta que, em decorrência dos personagens homossexuais virem sendo aceitos nos últimos anos, foi com espanto que receberam as notícias dos cortes que o texto sofreria em decorrência da baixa audiência.

Até 2019, “Babilônia” detinha o recorde de menor audiência da história da faixa, todavia, devemos entender que uma obra do tamanho de uma novela, crer que apenas os personagens homossexuais foram responsáveis pelo fracasso da obra com um todo seria ingênuo. Esta foi a última obra escrita por Gilberto Braga que faleceu em 2021.

Nenhum dos quatro personagens apresentava os trejeitos comumente aplicados, mas muito disto se deve ao fato de a participação dos personagens diminuir cada vez mais com o passar da trama e que os caminhos apresentados e discutidos por estes não tinha relação com a sexualidade em si, nota-se, pelo motivo que fosse, uma naturalização da homossexualidade no que se refere a quebra de expectativa criada por um público que está acostumado a receber um tipo específico de material e não o recebe.

32 “Orgulho Além da Tela”.

“Babilônia” entregaria a faixa com uma audiência ruim para sua sucessora “A Regra do Jogo”, esta escrita por João Emanuel Carneiro e que mais uma vez traz às telas uma configuração problemática de um relacionamento bissexual como única forma de expressão de sexualidade não heterossexual.

Na sequência de “A Regra do Jogo” veio “Velho Chico”. Com texto supervisionado por Benedito Ruy Barbosa, essa seria a primeira novela do horário a abordar uma trama que não localizada em algum grande centro urbano desde “Porto dos Milagres” de 2001. Era uma tentativa de trazer novamente ao horário uma narrativa não cosmopolita.

Benedito, por hábito, não usa personagens homossexuais em sua trama e, como após “Babilônia” o tema estava em baixa, na festa de estreia da novela “Velho Chico”, Benedito, quando questionado sobre se haveriam ou não *gays* em sua trama, ele alegou que:

Odeio história de *bicha*. Pode existir, pode aceitar, mas não pode transformar isso em aula para as crianças. Tenho dez netos, quatro bisnetos e tenho um puta orgulho porque são tudo macho pra cacete [...] O que acho é que quando eu tenho na mão 80 milhões assistindo minha novela, tenho que ter responsabilidade com as pessoas que estão me assistindo. Tenho que saber que tem muito pai que não quer que o filho veja, porque eles não sabem explicar, não sabem como colocar. Muita gente reclama disso para mim. O que não é justo é você transformar: só é normal o cara que é *bicha*, o que não é *bicha* não é normal. A mulher que é *sapatona* é perfeita, a que não é *sapatona* não é legal. É assim que estamos vivendo.” (TEIXEIRA³³, 2020)

Uma demonstração clara de homofobia por um dos nomes mais conceituados autores da Rede Globo, ao mesmo ponto que, no mesmo ano e na mesma emissora, uma produção que ia ao ar na faixa das 23h “Liberdade, Liberdade”, trama ambientada num Brasil Império de transição de colônia para capital deste com a vinda da família Real, continha dois personagens que descobrem-se homossexuais e a trama tem a marca de ser a primeira vez que uma cena de sexo homossexual foi ao ar.

Os personagens eram o aristocrata André (Caio Blat) e o Coronel Tolentino (Ricardo Pereira) que protagonizam uma cena que contém nudez (não frontal) de ambos os personagens e a construção de cena sem meandros, deixando claro o que está acontecendo, diferente de como as cenas eram montadas com as personagens de “Senhora do Destino”, por exemplo.

A cena foi um marco na história da TV, todavia, a trama desenrola-se de tal forma que Tolentino termina com *status* de vilão na obra ao pé que André é condenado a morte na forca por crime de sodomia.

Na sequência de “Velho Chico” entrou no ar “A Lei do Amor”, de autoria de Maria Adelaide Amaral e Vicent Villari, onde haveriam personagens *gays*, porém que ocupavam

33 Luciana Teixeira, em coluna à revista “Cláudia”, 21/01/2020.

pouco espaço na trama e ligados ao núcleo cômico. Temos na trama três personagens lidos como *gays* sendo Wesley (Gil Coelho), Gledson (Raphael Ghonen) e Gabi (Fernanda Nobre).

O que tem uma participação um pouco mais destacada é Gledson, o *personal stylist* de Luciane (Grazi Massafera) e ambos faziam parte do núcleo cômico da trama sendo ele um *cabeleireiro engraçado a serviço de madame*, enquanto Wesley compõem o outro núcleo cômico da trama que se passa em um posto de gasolina que pertence a Salete (Cláudia Raia), sendo este frentista, já a personagem Gabi é tão pequena na trama que no Memória Globo não há citação a ela.

Após “A Lei do Amor”, que também foi mal na audiência, a emissora conseguiu subir os índices com a nova novela de Glória Perez que entraria no ar: “A Força do Querer”. Tal como o nome sugere, a trama girava em torno da força do querer que movia as três personagens centrais.

Conforme nos relata³⁴ a autora, a intenção era elucidar ao público questões de gênero, que ainda causam certa polêmica e confusão, a forma que encontrou foi com a personagem Ivana (Carol Duarte). No início da trama questionando sua condição de cisgênero, Ivana, com auxílio de terapia (pois este compunha parte de uma família rica e privilegiada da trama) começa a fazer a transição do processo de redesignação sexual e, no fim da trama se entende, por sequente, se identifica como um homem transgênero, Ivan.

Ivan, por sua vez, entende-se como um homem transexual *gay*, Trocando em linhas breves um assunto muito complexo, Ivan é um homem que gosta de homens, a fim de elucidar que genitálias não definem sexualidade enquanto construção social de Homem e Mulher.

A novela aborda ainda a questão da forma como a descoberta, tanto da sexualidade quanto da identidade de gênero impacta não só a vida da pessoa que transiciona como também as das pessoas ao redor de quem está passando pela crise de identidade. Personagem que passa por essa questão mãe de Ivan, Joyce (Maria Fernanda Cândido), que sonhava que o filho fosse miss, fazendo com que ele participasse de concursos de *Mini Miss* quando era criança e promovendo muito conflitos, conflitos estes que eram representados pelas vestimentas e visual de Ivana então em processo de mudança para uma expressão mais masculinizada.

34 “Orgulho Além da Tela”.

Outra questão que merece destaque na trama é o modo como ela mostra que *Drag Queen*³⁵ não é uma identidade de gênero ou sexualidade, mas sim uma forma de expressão artística.

Ao fim da trama, Ivan termina em uma configuração de relacionamento homossexual entre um homem cisgênero e um homem transgênero a contraponto do personagem que faz *Drag Queen*, que é um homem *cis* e bissexual.

“A Força do Querer” entrega a faixa a sua sucessora, “O Outro Lado do Paraíso”, com números satisfatórios a emissora e conseguiu manter o número de capítulos na trama que sua antecessora, num total de 172, diferente dos 155 de “A Lei do Amor”, por exemplo.

Escrita por Walcyr Carrasco, “O Outro Lado do Paraíso” era uma trama de vingança (inspirada em *O conde de Monte Cristo*) da jovem Clara (Bianca Bin) que, para ter seus bens alienados por sua sogra, foi interdita e colocada em uma instituição mental contra sua vontade em um plano orquestrado por esta. Anos após forjar sua morte e ganhar uma herança, ela volta a cidade e jura vingar-se de um por um de seus algozes, em especial Sophia (Marieta Severo) a ex-sogra homicida, Gael (Sergio Guinzé) o ex-marido abusivo física e psicologicamente, além de todos os servidores que trabalharam para que o plano da sogra fosse colocado em prática.

Um desses servidores foi Samuel (Eriberto Leão), médico que, sob chantagem de Sophia, assina o laudo médico fraudulento para que Clara seja interdita. Samuel é um homossexual que não se aceita e por isso esconde sua sexualidade. Ele é casado com uma *mulher troféu* e tem uma mãe muito presente em sua vida, e na repressão de sua sexualidade.

Samuel tem um amante, Cido (Paulo Zulu), caso este que Clara descobre a determinado ponto da trama e ela revela a todos o segredo de Samuel. No fim, a “vingança” de Clara foi ajudar seu algoz a se revelar e se entender com sua sexualidade, pois após o escândalo o casamento dele acaba e ele decide assumir seu relacionamento com Cido.

Esse dois personagens foram os únicos homossexuais da trama. Embora não tivessem os trejeitos *afeminados*, aconteciam pontuais cenas de constrangimento dos personagens gerados por suas sexualidades, tal com quando a esposa de Samuel descobriu que ele usava suas calcinhas. Não a toa, na época a novela fora muito criticada nas mídias sociais pelo texto de mau gosto empregado, e não somente aos homossexuais, mas à trama como um todo.

35 *Drag* é a sigla para “*Dress Resembling As a Girl*”, “*Vestir-se Como Uma Garota*” em livre tradução. *Drag Queen* é uma forma de expressão artística, por consequência, de resistência, de pessoas que cruzam as barreiras do gênero.

Na Sequência de “Segundo Sol” (2018) que foi ao ar após “O Outro Lado do Paraíso”, veio “O Sétimo Guardião” que entrou no ar no final de 2018 e foi escrita por Aguinaldo Silva, uma tentativa da Globo em trazer volta ao horário nobre o realismo mágico, e fracassou.

Uma trama confusa que abordava reencarnação, poderes mágicos e místicos que acompanhava a história de amor (literalmente) amaldiçoada de Luz (Marina Ruy Barbosa) e Gabriel (Bruno Gagliasso) que viviam na fictícia Serro Azul, cidade que guarda sob a proteção de sete guardiões um fonte mágica.

A falta de coesão da obra era criticada nas redes sociais e o reflexo dessa má recepção por parte do público vimos os índices de audiência irem de mal a pior durante toda a exibição e ainda o autor fora processado por um ex-aluno que o acusava de plágio. A questão toda foi tão controversa que Aguinaldo, colaborador de longa data da emissora, teve seu contrato rescindido.

Na trama havia apenas um personagem homossexual. Adamastor (Theodoro Cochrane), praticamente irrelevante para a trama, é definido como “Fã das grandes divas do salto alto no cinema, ele trabalha no cabaré de Ondina como barman e caixa. Confidente e grande amigo da proprietária, sempre tem um conselho humorado para a sua grande amiga e também para as meninas do cabaré” na página oficial da novela no site *gshow* da Rede Globo. A obra que foi ao ar em 2018/19 voltou a usar aqueles arquétipos há muito abandonados do homossexual que transita em ambientes marginalizados e define-se por “ser engraçado”.

Outro ponto sensível que a trama aborda de maneira controversa é a questão da transexualidade nas formas de Marcos Paulo (Nanny People), uma mulher *trans* que se expressa socialmente de maneira feminina, ao ponto que não quer completar o processo de redesignação sexual e opta por manter o nome masculino que lhe fora dado em registro.

Quando “O Sétimo Guardião” saiu do ar, foi a vez de “A Dona do Pedaço”, escrita por Walcyr Carrasco. Assim como a antecessora, a novela trazia homossexualidade e transexualidade. A trama central era a de Maria da Paz (Juliana Paes), que vem de uma família de “justiceiros”, e que se apaixona por Amadeu (Marcos Palmeira), filho de uma família rival de longa data. Impedida de viver seu amor, ela dedica-se a seu dom de fazer bolos, assim constrói fama e junta bens, ao pé que vive em conflito com sua filha, que se revela uma sociopata homicida, Josiane (Agatha Moreira).

Uma das subtramas é a do casal Agno (Malvino Salvador) e Leandro (Guilherme Leicam). Agno reprime sua homossexualidade e é casado com Lyris (Déborah Evelyn), porém ao longo da trama o personagem se apaixona pelo pugilista Rock (Caio Castro), que

não corresponde, pois este é heterossexual, ao ponto que o jovem Leandro é apaixonado, e igualmente não correspondido, por Anjo. O tema da sexualidade na emissora segue sendo tão delicado nos corredores desta que aqui vemos os personagens agindo *pelos sombras*, tudo de modo muito velado, tão velado quando o singelo e quase sem emoção selinho que foi trocado pelos personagens no último capítulo.

Tão breve e velado como “Amor de Mãe”, que entrou no ar em 2019 e esta foi a obra interrompida pela pandemia do COVID-19. Escrita por Manuela Dias, autora estreante na faixa, a proposta da trama, como muito especulado na mídia na época, seria um retrato mais fiel da sociedade brasileira refletindo a maioria dela, o que na prática não foi bem o caso.

A trama focada no relacionamento interpessoal de três mães de origens distintas que se cruzam, sendo Lurdes (Regina Casé), Thelma (Adriana Esteves) e Vitórias (Thaís Araújo).

Há na trama o personagem Miguel (Giulio Lopes), um advogado idoso aposentado que vive recluso. Chegamos a 2019 com o único personagem *gay* da novela sendo um personagem irrelevante a trama, ainda que fosse um homossexual sem trejeitos e com uma sexualidade bem resolvida.

A novela foi alterada em decorrência da pandemia e, após 102 episódios, no dia 21 de março de 2020 ela foi tirada do ar e entrou em hiato por tempo indefinido. A emissora conseguiria retomar a exibição em 15 de março de 2021 para exibir mais 23 capítulos para finalizar a trama.

3. Considerações Finais.

Como pudemos ver, a homossexualidade foi sendo cada vez mais introduzida nas discussões sociais conforme os conceitos acerca dela foram, e ainda são, construídos. Para sairmos dos GLS (*Gays, Lésbicas e Simpatizantes*, sigla original do movimento) e chegarmos no LGBTQIAP+, muita coisa foi repensada, apropriada e/ou ressignificada pelos membros da comunidade. Com o passar dos anos, a homossexualidade foi se tornando um fato social reconhecido.

Embora tenhamos ainda altos índices de homicídios contra membros da comunidade LGBTQIAP+, pois o Brasil infelizmente figura sempre no topo das listas de países que mais cometem crimes de ódio contra pessoas não-heterossexuais *cisgêneros*, pudemos acompanhar como o avanço das discussões acerca dos temas resultaram no reconhecimento da homofobia como crime no Brasil desde o ano de 2019, por exemplo, ou o reconhecimento de direitos civis aos homossexuais, tais como herança em caso de falecimento de companheiros e adoção.

Conforme as democracias burguesas liberais foram se espalhando pelo mundo e com o advento do neoliberalismo em todos os setores da sociedade, tudo se torna comércio, inclusive a cultura, fomentando assim um mercado cultural.

Um dos líderes deste mercado cultural de massas que surge no Brasil, sem sombra de dúvidas é a Rede Globo. Comandada no começo por Roberto Marinho e hoje por seus herdeiros, a empresa sempre soube moldar sua opinião conforme o “time que estivesse ganhando” para seguir na liderança, pois, como todo o mercado, o mercado cultural se baseia na oferta e demanda: a oferta de conteúdos para a demanda que estiver em frente a TV.

Com o passar dos anos, nota-se claramente que o público que está em frente a televisão é mutável. Fora do contexto da ditadura, a Rede Globo era uma televisão livre e que poderia investir em produções audiovisuais com os temas que quisessem, todavia, era preciso entender o que esse público pós-censura queria ver em tela. Depois de tantos anos pisando em ovos, agora a emissora poderia permitir que a criatividade de seus autores guiasse as tramas, porém essa liberdade foi mais metafísica do que prática de fato.

Antes do advento do contato mais direto da emissora com seus telespectadores pela internet como acontece hoje em dia, após a ditadura militar até a popularização das redes sociais na década de 2010, o meio que a emissora usava para saber qual era o nível de interesse do público por suas obras era o índice do IBOPE, e quando estes iam mal os produtores interviam no texto e na edição das novelas.

Um dos movimentos mais utilizados pela emissora quando um de seus produtos tem uma audiência que não cumpre com as expectativas é a exclusão de temas entendidos como polêmicos para o público, temas estes que envolvem questões de marginalidade social, tais como violência, prostituição e homossexualidade.

Notemos como ao decorrer das tramas os homossexuais não tem protagonismo. A exceção de Félix de “Amor à Vida” que se torna protagonista próximo do fim da trama (e percebamos que mesmo este era o vilão da história no começo da novela), nunca houve uma novela que fora pensada com um homossexual como protagonista.

Como nos é relatado pelos próprios autores de muitas das obras em questão (citadas no trabalho) ao documentário “Orgulho Além da Tela”, a telenovela representa a sociedade, algo que é completamente compreensível quando pensamos que toda obra é fruto de seu tempo. Toda novela é uma obra de ficção, assim como todo livro, como todo filme, afinal, trata-se apenas de uma representação de um fragmento de algo, algo este que fora pensado e escrito por alguém, uma pessoa que, como toda pessoa, tem suas subjetividades, afinal, todos

escrevemos de um ponto de vista, de um quadro, geral ou específico, que é composto por nossos ideais e conceitos, o que quero dizer é: imparcialidade não existe.

Outro ponto comumente aplicado a homossexuais em novelas são os ambientes que transitam. Sempre fadados a ambientes de marginalidade social, podemos notar também tentativas de fugir destes padrões, todavia, hora sendo aceitos, como foi o caso de Clara e Marina de “Em Família” que tiveram um final feliz, hora sendo rejeitados a ponto de serem excluídos da trama de forma dramática, como no caso de Leila e Rafaela de “Torre de Babel”, mortas na explosão do shopping.

Levando em consideração que aos homossexuais são relegados os locais de marginalidade social, podemos notar outro traço comum entre as narrativas que é o fato de os personagens transitarem em locais onde crimes e contravenções são cometidos. É comum vermos os *gays* trabalhando em locais onde o rufianismo é cometido, por exemplo.

Conforme vimos anteriormente, a homossexualidade foi considerada uma doença pelo campo da saúde sexual que vinha se apropriando das pesquisas deste assunto, um dos “*sintomas*” do “*homossexualismo*” era a aptidão pelas artes e por ser o homossexual uma pessoa com tendências maiores a serem felizes, então temos aí uma das origens do senso comum de que todo homossexual é engraçado e feliz, o que nos leva a refletir sobre como o humor é usado com frequência para personagens homossexuais, seja como escárnio, seja como qualidade.

Ligada a imagem do homossexual ao sensível e ao artístico, características que, historicamente, a nossa sociedade tende a ligar ao feminino, a imagem do homossexual passa a ser vinculada também ao feminino. É neste ponto que conseguimos encontrar as origens das formatações, seja pelo texto, seja pela escolha do elenco, dos casais homossexuais nas tramas aparecerem de forma cada vez mais binária e heteronormativa: o forte e o frágil, o másculo e o delicado, o passivo e o ativo.

Embora com o passar dos anos os personagens LGBTQIAP+, de fato, estejam aparecendo mais na TV aberta brasileira, não podemos ignorar o fato de que a sexualidade que é vista, nem sempre é comentada. A intimidade dos homossexuais ainda é tabu na nossa sociedade, prova disto é, por exemplo, a intimidade do casal de *lésbicas* de “Babilônia” que foi excluído da história com o passar do capítulos e a baixa de audiência que a obra enfrentava.

O núcleo cômico das novelas também frequentemente é utilizado para lidar com os personagens com histórias complexas e que, em via de regra, são polêmicos e aqui batemos

novamente na tecla da prostituição e da homossexualidade convergindo, tal é o caso de “A Indomada” por exemplo, todavia, esse é um traço comum em histórias onde personagens homossexuais também, o fato de o humor ser usado para abrandar temas que geram muita discussão.

Ao ponto que as discussões avançavam na sociedade vimos a cobrança por momentos mais claros quanto a representação da homossexualidade em tela, como, por exemplo, nos casos de “Mulheres Apaixonadas” e “América” nos anos iniciais da primeira década dos anos 2000 onde vimos a demanda pelo beijo *gay* quase se realizar por duas vezes, esse simbolismo seria atingido apenas em 2014 com Félix, complexo personagem da trama que protagonizou um dos mais emblemáticos beijos da teledramaturgia brasileira, quiçá mundial, por representar tanto.

Uma problemática comum em grandes produções, sejam as novelas da Globo, sejam, em produções de Hollywood, é o uso da violência para fins de gerar empatia. Pensemos, por exemplo, nos filmes de terror onde as mulheres seminuas são as vítimas ingênuas de um assassino mascarado que usa uma arma geralmente fálica, como uma faca (que penetra o corpo da vítima), por exemplo ou os corpos negros que são representados sendo massacrados em filmes sobre a escravidão.

No caso das novelas brasileiras temos a novela “Insensato Coração”. Novela que detém, até hoje, o recorde de novela brasileira com o maior número de personagens *gays* da TV brasileira, não vimos nenhuma cena de trocas afetivas entre nenhum dos personagens homossexuais da trama, porém vimos homossexuais sendo agredidos na rua, sofrendo assédios verbais e sendo, literalmente, espancados até a morte. O que é necessário para que uma pessoa que não faz parte de determinado grupo social compreenda a dor que o outro sente? Qual é o limite para que essa violência não seja banalizada?

Fica evidente como a Rede Globo utiliza seu horário nobre como uma espécie de laboratório. Explico: é comum vermos assuntos serem introduzidos na faixa das 20h/21h para depois ir se espalhando pelo resto da grade, como por exemplo, após o beijo de Félix e Niko em 2014, em 2018 veríamos beijos entre homoafetivos nos horários das 18h em “Orgulho e Paixão” e das 17h em “Malhação”, esta novela destinada ao público jovem da emissora.

Com a pandemia do COVID-19 houve uma ruptura na maneira como a Globo produz novelas. Após o retorno das gravações e conforme o mundo vai se adaptando ao retorno das atividades após o advento da vacina que abrandou a pandemia, a emissora levou ao ar a primeira novela inédita em 2021, “Um Lugar ao Sol”, escrita por Lícia Manzo.

“Uma Lugar ao Sol” foi a primeira novela de trama fechada que a Globo levou ao ar em sua história, isto é, pela primeira vez no canal, uma novela foi inteira gravada a apenas depois do final das gravações que foi ao ar, isso evidencia o movimento que o canal faz para adaptar-se aos novos tempos.

Julgo importante destacarmos que podemos seguir esperançosos quanto aos avanços alcançados enquanto sociedade. Mesmo vivendo em uma época tão complexa para a comunidade LGBTQIAP+ com um governo abertamente homofóbico como o de Jair Bolsonaro, vimos a homofobia ser criminalizada com pena comparada ao crime de racismo até que tenha legislação própria e a emissora em questão já levou ao ar um beijo homoafetivo em seu horário nobre logo em sua primeira novela após a interrupção causada em decorrência da pandemia e pela gestão ineficaz da saúde pública do governo em questão que agravou tanto a situação em nosso país.

Sigamos dialogando.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição(1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BURKE, Peter. **A escrita da História, novas perspectivas**. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CASOY, Ilana. **Arquivos Serial Killers: Louco ou Cruel? E Made in Brazil**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017.

Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. **Código Penal**. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, 2: O Uso dos Prazeres**. 5.ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 24.ed. São Paulo: Edições Graal, 2007.

FRY, Peter. MACRAE. **O que é homossexualidade**. 3. ed. - São Paulo; Editora Brasiliense. 1984. 128 p.

McGOWAN, Rose. **Coragem**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018. 288 p.

STAM, Gilberto. **Hegemonia da Globo no veículo prioritário de consumo**. Observatório da Imprensa. 2006. Disponível em: < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/tv-em-questao/hegemonia-da-globo-no-veiculo-prioritario-de-consumo/> >. Acesso em: outubro de 2021.

Fontes eletrônicas consultadas:

Ator da Globo sofre agressão. Folha de S. Paulo; São Paulo. 09/01/1997. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/1/09/cotidiano/6.html> >. Acesso em janeiro de 2022.

‘Babilônia’: com pior audiência da história, novela será encurtada em 3 semanas. Purepeople. 12/05/2015. Disponível em: < https://www.purepeople.com.br/noticia/-babilonia-com-pior-audiencia-da-historia-novela-sera-encurtada-em-3-semanas_a55279/1 >. Acesso em março de 2022.

CASTRO, Daniel. **Rejeição, ofensas e até agressão: Sete casas gays que abalaram as estruturas**. Notícias da TV, 03/06/2018. Disponível em: < <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/rejeicao-ofensas-e-ate-agressao-sete-casais-gays-que-abalaram-as-estruturas--20737> >. Acesso em janeiro de 2022.

CASTRO, Daniel. **Novela cria “lesbianismo cômico”**. Folha de S.Paulo; São Paulo. 09/03/1997. Disponível em: < https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/3/09/tv_folha/8.html >. Acesso em janeiro de 2022.

CASTRO, Daniel. **Em A Indomada, Aguinaldo Silva detonou abertura e excluiu casal lésbico**. Notícias da TV. 30/08/2020. Disponível em: < <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/em-indomada-aguinaldo-silva-detonou-abertura-e-excluiu-casal-lesbico-41433> >. Acesso em fevereiro de 2022.

CASTRO, Daniel. **Público aprovou lésbicas de Mulheres Apaixonadas em 2003, mas não queria beijo**. Notícias da TV. 23/08/2020. Disponível em: < <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/publico-aprovou-lesbicas-de-mulheres-apaixonadas-em-2003-mas-nao-queria-beijo-41290> >. Acesso em fevereiro de 2022.

CASTRO, Daniel. **‘Páginas da Vida’ terá casal gay ‘normal’**. Folha de S.Paulo; São Paulo. 18/08/2006. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1809200603.htm> >. Acesso em março de 2022.

CIMINO, James. **Em “vale tudo”, censura vetou falas de lésbicas, mas liberou maconha**. UOL, 15/01/2015. Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2013/01/15/em-vale-tudo-censura-vetou-dialogos-de-lesbicas-mas-liberou-cena-de-maconha.htm> >. Acesso em janeiro de 2022.

Confira a tabela de audiência da novela “Em Família” de 2014. Memórias da TV. 15/09/2020. Disponível em: < <https://memoriadatv.com.br/noticia/2839/confira-a-tabela-de-audiencia-da-novela-em-familia-de-2014.html> >. Acesso em março de 2022.

DANTAS, Rui. **Lésbicas devem voltar à “Torre”**. Folha de S.Paulo; São Paulo. 11/10/1998. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv11109808.htm> >. Acesso em fevereiro de 2022.

‘Em Família’ termina com pior desempenho de uma trama das 21h da Globo. Folha de S.Paulo; São Paulo. 22/07/2014. Disponível em: < <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2014/07/1489307-em-familia-termina-com-pior-desempenho-de-uma-trama-das-21h-da-globo.shtml> >. Acesso em março de 2022.

Mais caro da globo: quanto custa um comercial no Jornal Nacional? Veja; São Paulo. 05/01/2021. Disponível em: < <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/quanto-custa-comercial-globo/> >. Acesso em março de 2022.

MATTOS, Laura. **Cúpula da Globo cortou beijo gay, diz Glória Perez**. Folha de São Paulo. [s.d]. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0611200521.htm> >. Acesso em: outubro de 2021.

MEMÓRIA GLOBO. Memória globo, acervo digital da emissora. Disponível em: < <https://memoriaglobo.globo.com/> >. Acesso em: 18 de agosto de 2021.

MENEZES, Gabriel. **Amante gay de “Por Amor” Betto Nasci relembra repercussão**. O Globo. 04/09/2019. Disponível em: < <https://kogut.oglobo.globo.com/noticias-datv/noticia/2019/09/amante-gay-de-por-amor-betto-nasci-relembra-piadas-de-mau-gosto-do-publico-e-lamenta-dificuldades-como-ator-dou-aulas-de-karate-e-ja-trabalhei-como-motorista.html> >. Acesso em fevereiro de 2022.

ORGULHO Além da tela. Direção: Antônia Prado, Rafael Dragaud e Rodrigo Rocha. Rede Globo. Brasil: GloboPlay, 2021. *Streaming*.

ROMANO, André. **Confira quanto custa para anunciar no intervalo das novelas da Globo.** Observatório da TV. 10/07/2021. Disponível em: < <https://observatoriodatv.uol.com.br/colunas/andre-romano/confira-quanto-custa-para-anunciar-no-intervalo-das-novelas-da-globo> >. Acesso em março de 2022.

SILVA, Clarice R. **A Dona do Pedaco: Caio Castro revela por que Rock não foi gay.** Metrópoles. 13/11/2019. Disponível em: < <https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/a-dona-do-pedaco-caio-castro-revela-por-que-rock-nao-foi-gay> >. Acesso em março de 2022.

PADGLIONE, Cristina. **Silvio de Abreu fala pela 1ª vez sobre censura da Globo em temáticas gays.** 01/07/2021. Disponível em: < <https://telepadi.folha.uol.com.br/silvio-de-abreu-fala-pela-1a-vez-sobre-censura-da-globo-em-tematicas-gays/> >. Acesso em janeiro de 2022.

“Páginas da Vida”: Será que desta vez sai o beijo? Estadão. 23/08/2022. Disponível em: < <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,paginas-da-vida-sera-que-desta-vez-sai-beijo,20060925 p61131> >. Acesso em fevereiro de 2022.

TEIXEIRA, Luciana. **Benedito Ruy Barbosa perde chance de ficar quieto: ‘odeio história de bicha’.** Cláudia. 09/03/2016. Disponível em: < <https://claudia.abril.com.br/famosos/benedito-ruy-barbosa-perde-chance-de-ficar-quieto-odeio-historia-de-bicha/> >. Acesso em março de 2022.

TELEDRAMATURGIA. Teledramaturgia, enciclopédia online sobre as produções audiovisuais brasileiras. Disponível em: < <http://teledramaturgia.com.br/> >. Acesso em: 18 de agosto de 2021.